Jude Martins de Sousa

Serra do Gerez

ESTUDOS-ASPECTOS-PAIZAGENS

EUCLYDES DA CUNHA

Contrastes e Confrontos
Á Margem da Historia

P.e ANTONIO VIEIRA

SERMÕES COMPLETOS

Edição em 15 volumes, cuidadosamente revista pelo Padre Gonçalo Alves e impressa sôbre a primeira edição, compreendendo tôda a obra oratória do genial prégador (211 sermões e discursos).

P.e MANUEL BERNARDES

NOVA FLORESTA

ou Silva de vários apotegmas e ditos sentenciosos, espirituais e morais. Nova edição em 5 volumes com um estudo preambular sôbre o autor por José Pereira de Sampaio (Bruno).

Obras de EÇA DE QUEIROZ

O Crime do Padre Amaro, 1 v.
O Primo Bazilio, 1 vol.
O Mandarim, 1 vol.
Os Maias, 2 vol.
A Reliquia, 1 vol.
Correspondencia de Fradique Mendes, 1 vol.
A Illustre casa de Ramires, 1 v.
A Cidade e as Serras, 1 vol.
Prosas Barbaras, 1 vol.
Contos, 1 vol.
Cartas de Inglaterra, 1 vol.
Cartas familiares, 1 vol.
Eccos de Paris, 1 vol.
Notas contemporaneas, 1 vol.
Ultimas paginas (manuscriptos ineditos), 1 vol.
As Minas de Salomão (traducção), 1 vol.
Revista de Portugal (collaboração), 4 vol.
Eça de Queiroz. Na inauguração do seu monumento, realisada em Lisboa a 9 de Novembro de 1903. Discursos do Conde de Arnoso, Marquez d'Avila, Ramalho Ortigão, Luiz de Magalhães, Annibal Soares e Antonio Candido. 1 vol.

Serra do Gerez

Tude Martins de Sousa

Serra do Gerez

Estudos — Aspectos — Paizagens

EDIÇÃO ILLUSTRADA

PORTO — 1909

Editores: LIVRARIA CHARDRON, de Lello & Irmão — Rua das Carmelitas, 144

O *accordo* assignado no Rio de Janeiro, em 9 de Setembro de 1889, entre o Brazil e Portugal, assegurou o direito de propriedade literaria e artistica em ambos os paizes.

A presente edição está devidamente registada nas *Bibliothecas Nacionaes,* de Lisboa e Rio de Janeiro.

Imprensa Moderna, de Manoel Lello
R. da Rainha D. Amelia, 61 — PORTO

A minha mulher,

companheira dedicada da Serra.

PREFACIO

Por obrigações de serviço chegámos ao Gerez em 1904, pouco tempo depois de termos de cá sahido como cliente das aguas.

Desde então, quanto mais iamos percorrendo a região e entrando no convivio dos seus povos, mais se nos ia radicando a disposição de nos interessarmos no seu estudo, sob os multiplos aspectos em que elle nos seduzia.

Por muitos lados surprehendiamos o Gerez como uma região inedita, ao mesmo passo que imperfeitamente conhecida por outros.

Áparte as suas aguas mineraes, que mais acarretavam a curiosidade em desvendar os agentes que a tornavam uma potencia therapeutica de valor velhamente comprovado, tudo o mais pouco ou nada se tinha publicado.

E todavia, a dentro das montanhas do Gerez estavam ainda quasi virgens de explorações de sciencia e de tourismo os mais ricos e attrahentes retalhos de paizagem alpestre, que é dado gosar em Portugal, e abrigados pelos seus contrafortes e alimentados pelas suas chãs viviam povos que, pelas suas tradições, pelos seus habitos e pelo seu modo de viver, constituiam especimens dos mais dignos de estudo ethnographico e social.

Reconheciamo-nos sem competencia para o encargo de investigação e de trabalho que o Gerez pedia, mas não declinámos a imperiosa obrigação que a cada testemunha assiste de contribuir com o seu depoimento para a organisação da obra definitiva.

D'ahi os nossos trabalhos, que temos encaminhado para uma orientação differente da de quanto sobre o Gerez se tem já escripto.

Na «*Portugalia*», a benemerita Revista ethnographica, apresentámos em 1907 e 1908 um pequeno estudo sobre o regimen pastoril dos povos da serra do Gerez; n'este livro tentamos resumidamente dar um aspecto geral da mesma serra, que mereça o interesse dos estudiosos e dos excursionistas.

Modesto como é este trabalho, tem todavia um merecimento: é o desejo sincero de concorrer para chamar sobre este canto do paiz as suas attenções, para que até onde o livro chegue, vá a affirmativa de que a serra do Gerez é das regiões de Portugal mais merecedoras de apreço, de estudo e de serem visitadas e que n'ella está a formar-se para o futuro, pelas suas aguas, pelas suas mattas, pelas suas paizagens e por todo o seu conjuncto, uma das nossas melhores e mais valiosas riquezas.

Gerez — Março — 1909.

I

Topographia — Povos antigos do Gerez

Ao norte de Portugal, com ramificações para as provincias do Minho e de Traz-os-Montes e marcando em largo percurso a linha que nos extrema da Galliza, está a serra do Gerez, a que por direito indiscutivel cabe entre as montanhas do paiz um logar primacial.

Abraçada pelo Lima, que corre de Hespanha, entrando por Lindoso, e o Cavado, que n'ella nasce, com filiações de origem commum nos montes de Larouco, banhando logo terras de Montalegre, tem por outros lados as povoações de Villar da Veiga, Rio Caldo, Covide, S. João do Campo, Carvalheira e outras mais a fechar perimetro, a dentro do qual é ainda á cordilheira do Gerez que pertence a serie de seus montes.

Bracejando em varias direcções, em que os mais elevados pincaros fendem os ares, sobresahindo destacadamente a avistarem-se de afas-

tados pontos, fixa ao norte, atravessando-se de nascente a poente, uma extensa linha em que os seus cumes se alargam em vertentes a escoarem-se para a Hespanha e para Portugal, indo de Lindoso e da Amarella, confinantes do Lima com o Gerez, no Minho, por Pitões, ás visinhanças de Montalegre e Barroso, a integrar-se nos montes Transmontanos, deixando atrás de si interrompida a linha pela garganta que na Portella do Homem se abre sobre a Galliza, vindo morrer pelo sul junto ao Cavado.

Perpendiculares a este, outros braços se estendem, approximadamente a norte sul: um de Pitões ao Cavado, assignalando-se no seu caminho pelos pontos de maiores alturas, desde o Altar de Cabrões e Carrís pela Borrageira, Pé de Salgueiro, Junco e Varejeiro á Pedra Bella, descendo por Villar da Veiga ao rio; outro do lado fronteiro, estendendo-se desde o Homem, em Albergaria, pelo Caramello e pelo Cabril, passando por Lamas e môrros da Calcedonia, de onde se avista Covide e Carvalheira, até vir ainda mergulhar-se no Cavado á vista de Rio Caldo.

Não é complicada a constituição estructural da geologia da serra. O granito é sempre a grande base de toda a rocha, só diversissima na união de seus componentes, que ora se reunem em finissimas particulas, dando um grão homogeneo e duro, a formarem apreciadas cantarias, ora teem uma menor cohesão, com granulações mais

volumosas, constituindo menos rijas e menos apreciadas pedras.

A mica, o quartzo e o feldspatho são os formadores principaes da rocha do Gerez.

Como consequencia immediata, o solo agricultavel das bacias onde vão despejar-se as ravinas e as enxurradas das encostas, ou o dos planaltos, que assentam em maiores elevações, jazendo em alentadas curvaturas dos montes, formado só pelo desfazer das rochas circumdantes, é na maioria magro de recursos e de pouca espessura aravel. Fertilisam-o porém em boa parte os detrictos vegetaes da farta arborisação dos montes.

Os pontos mais altos da serra, onde ha já altitudes muito fóra do vulgar nas outras serras do paiz, teem sinuosidades caprichosas de relevo, que encantam e subjugam os mais avêssos espiritos á contemplação d'estas magestosas producções da natureza.

Não é facil averiguar agora quaes tenham sido os primeiros povos que estacionaram com permanencia nas serranias do Gerez. As incertezas em que caminham na historia as minuciosidades e detalhes ácerca das primeiras edades da Lusitania antiga não deixam aperceber luz bastante para nos esclarecerem sobre as primitivas phases da vida humana n'estas regiões, onde é provavel que algumas hostes aguerridas da antiguidade se demorassem.

Anteriormente á dominação romana falham elementos a authenticarem o habitat de outros povos pelo Gerez; havia porém uns, acima de Braga, a que chamavam *callaicos*, os quaes demoravam n'estas serranias.

Estes montanhezes, considerados valorosos e celebres pela sua fortaleza e intrepidez, de tal maneira eram temidos que, subjugados por Decio Junio Bruto, propretor romano, que depois da morte de Viriato, o pastor herminio, governando a Hespanha Ulterior, conquistou a Lusitania, elle se envaideceu no feito, ao ponto de tomar para si o appellido de *callaico*, havido d'ahi por deante como epitheto singular, como Ovidio o cantou e Estrabão o confessa.

Tuum sibi Callaico Brutus cognomen in hoste
Fecit, et Hispanam sanguine tinxit humum.

Estes callaicos bracarenses e outros povos dos que se acantonavam nas zonas sepentrionaes «levavam uma vida nomada, pastoreando, eram hospitaleiros, exercendo não obstante a rapina, rudemente, ferozmente, em luctas e escaramuças incessantes, com que assolavam e aterravam as tribus comvisinhas». [1]

---

1 Marques Braga — *Ensaio sobre a Psychologia do Povo Portuguez* (Separata do Instituto — Coimbra, 1903).

Não eram estes os *Callaicos Lucenses*, hoje chamados gallegos, mas, como diz Plinio, o seu nome lhes vem de Callecio, por cima de Braga, chamando-se a esses callaicos tambem *Bracaros*, descendentes dos gregos, celtas e turdulos, morando entre Douro e Minho, sendo certo porém que outros povos seus visinhos, vendo a braveza com que elles batalhavam, quizeram tambem chamar-se callaicos e d'esses são os gallegos actuaes.

Aos bracaros se dava este nome por usarem uma vestidura chamada *braca*, de onde com pequena corrupção se fez o nome de Braga. [1]

Dos romanos porém não resta a menor duvida de estacionamento demorado, pela tradição mantida ainda hoje em velhos usos e pelos fartos vestigios por elles deixados em toda a serra.

Entre as varias estradas militares que de Braga se dirigiam para Roma, a que ia por Astorga, entrando em Hespanha pela Portella do Homem, depois de atravessar a serra em grande extensão, era de todas a mais magestosa.

Ainda hoje se admiram, alteando-se nos sitios primitivos, numerosos marcos milliarios, dispersos uns, outros agrupados, roídos pelos tempos quasi todos e poucos com uma ou outra pa-

---

1 P.e Carvalho da Costa — *Chorographia Portugueza.*

lavra legivel nas inscripções a apagarem-se de todo, pelos quaes não é difficil a reconstituição de trechos da *geira*, assim chamada esta *via*, que tem ainda de onde a onde lances da mesma calçada que foi pisada em afastadas eras pelos soldados de Roma.

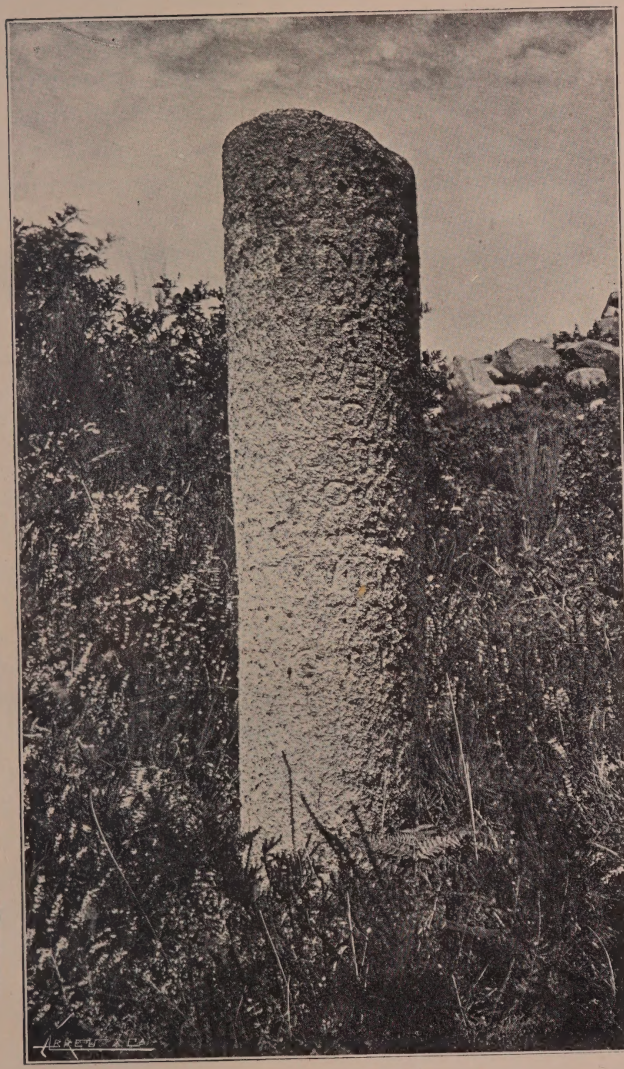
A geira faz todo o seu percurso procurando o traçado de maior suavidade, para o que se contorce em multiplicadas voltas ou giros, acompanhando as sinuosidades dos montes, parecendo vir d'ahi o seu nome especial.

«E' o milliario um monolytho cylindrico, outr'ora postado de milha em milha á margem das vias romanas, referindo as distancias de Roma ou de alguma das terras principaes da provincia.

«N'uma inscripção gravada no fuste memoravam estas pedras os nomes, filiação natural, adoptiva, mesmo usurpada; os titulos honorificos, os epithetos nem sempre justificados e os cargos publicos servidos pelo imperador nomeado, que mandara construir ou reparar a estrada. Tambem ás vezes figurava o nome do legado propretor ou procurador da provincia. Com o numero das milhas em algarismos romanos e ás vezes o nome da terra donde se fazia a contagem, terminava a epigraphe». [1]

---

[1] *Milliarios do Conventus Bracarangustanus*, por M. Capella. — (Porto, 1895).



Marco romano da Geira

Estes marcos começaram a apparecer no tempo de Caio Gracho (183 annos antes de Christo), que devotadamente se interessou nos melhoramentos da grande rede de viação dos dominios romanos, se bem que na geira só se encontrem dos imperadores Tito e Domiciano os primeiros.

Não foram porém os romanos, mas sim os carthagineses, os primeiros que fizeram calçar suas estradas. Caio Gracho e os que se lhe seguiram, apenas aperfeiçoaram o invento.

Além da divisão por milhas, que facilitava a medição das distancias, outros beneficios se encontravam ainda nas grandes estradas, como «as *mutationes*, para substituição de cavallos ou muares; albergarias, *mansiones*, com provisões e agasalho para passar a noite; estações, *stationes*, logares ou pequenas cidades, onde podia a gente descançar alguns dias, depois de marchas forçadas de ás vezes 100 kilometros por dia em casos de summa urgencia.

«Aos dois lados da estrada propriamente dita, *agger*, corriam duas mesêtas, *margines*, ou passeios planos para peões; e n'elles de distancia a distancia uns apeadeiros de pedra, de dois ou três degraus, para commodidade de quem montava ou apeava». [1]

---

[1] *Milliarios do Conventus Bracarangustanus*, por M. Capella — (Porto, 1895).

Entre os milliarios da geira, cujos vestigios certos hoje estão desapparecidos desde Braga á Ponte do Porto, sobre o Cavado no caminho para o Gerez, existem a dentro da Serra do Gerez e terras proximas marcos de Tito e Domiciano (annos 79 a 96 da era christã) em Chorense e Portella do Homem; de Adriano, em Chamoim, Bico da Geira, Volta do Côvo, Portella e Mouroãs (este já na vertente gallega); de Caracalla, em Chorense, Cabaninhas, Portella e Mouroãs; de Heliogabalo, em Travassos; de Maximino e Maximo, na Volta do Côvo, Ponte Feia e Portella; de Decio, em Chorense, Covide, Bico da Geira, Ponte Feia e Portella; de Tacito, na Ponte Feia; de Caro, em Chorense, Bico da Geira e Ponte Feia; de Carino, na Ponte Feia; de Galerio, na Ponte Feia; de Constancio II nas Mouroãs; de Magnencio, na Volta do Côvo e Portella; de Decencio (annos de 351-353), na Volta do Côvo. [1]

Em Villarinho da Furna existe ainda hoje uma magnifica ponte, que por muitos annos poderá attestar a resistencia e solidez das velhas obras romanas; mais ao deante, pegões sobreviventes certificam a existencia anterior de outras,

---

[1] O estudo completo da Geira e das outras vias militares romanas que partiam de Braga, encontra-se largamente desenvolvido no excellente livro, hoje raro, do Snr. P.e Martins Capella. — *Milliarios do Conventus Bracarangustanus em Portugal.*

propositadamente destruidas ao tempo da invasão franceza, e perto da Ponte Feia, em local que ainda agora conserva o nome, parece ter existido uma albergaria, havendo actualmente n'aquella zona uma casa de guarda florestal, bem como é ainda na geira, que uma outra casa da mesma guarda se encontra, na Bouça da Mó.

Parece ter sido nas serranias do Gerez que demoravam os povos denominados *Ancondeos*.

Diz Gandara nos *Triumphos da Galliza* (Liv. I, Cap. XI) que nos montes do Gerez existiam as ruinas do castello *Meiduno*, onde foi encontrada uma estatua vestida á moda antiga, com esta lettra:

MEDAMUS ACRISII F.
HIC SITUS EST
CASTELLO MEIDUNIO
MONUMENTUM FE-
CERUNT
ANCONDEI. AMI-
CO. CARO

Este castello seria porventura a cabeça dos povos Ancondeos, proximos do Gerez, ou moradores nas suas serras.

Havia aqui ainda uma cidade, sita na via militar, com o nome de Quitania e junto d'ella dois

castellos, um dos quaes se chamava Castro Rubias, mas de nenhum d'elles se lembra qualquer dos auctores a que recorreu o do *Mappa da Lusitania Antiga.* [1]

Dominando a geira, em frente a Covide, eleva-se o alto môrro de Calcedonia, destacante a um dos lados da extensa planicie de Lamas, no qual se pretende ter existido uma cidade romana.

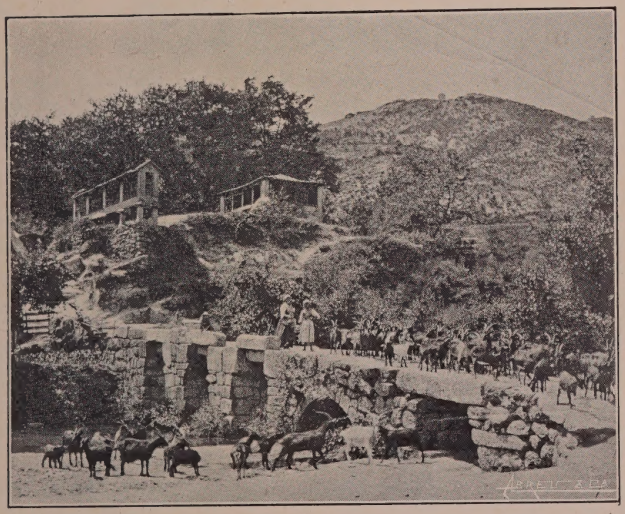
E' certo que a tradição se tem vindo transmittindo assim, mas, não é menos certo que a dentro da cinta de muralhas naturaes que cercam um pequeno recinto, tornando-o difficilmente accessivel pelas rochas escarpadas que o defendem, nada ha que possa hoje levar ao convencimento de tal affirmativa, pois nem extensão havia para muitas construcções; quando muito, poderia ser uma fortificação ou refugio, que as suas especiaes condições tornavam aproveitavel para esconderijo, ou ainda para defeza da geira, um presidio ou um crasto romano.

Mais tarde, ao tempo das invasões dos barbaros do norte, parece terem permanecido nas serranias do Gerez os Suevos, aos quaes coube a Galliza na partilha que entre si fizeram os Alanos, os Vandalos e os Suevos, das partes occidentaes e meridionaes da Hespanha.

---

1 *Mappa Breve da Lusitania Antiga,* por P. Francisco Nascimento Silveira, Lisboa MDCCCIV.

Ponte romana sobre o Homem em Villarinho da Furna



Ponte sobre o rio do Gerez, em Villar da Veiga

II

Braga ao Gerez

Ao sahir de Braga pelos lados de Infias, breve se desenha ao largo um horisonte vasto, marcado pelas lombas de elevados montes, que por cada lado se levantam a fechar um quadro, que desde logo se antevê interessante pelos seus variados e promettedores aspectos.

Deixando á direita Montariol, onde hoje se levanta o convento habitado por alguns dos muitos religiosos que em Braga dão uma nota dominante, que lhe faz jús ao epitheto de Roma portugueza, e abandonando mais abaixo a estrada que pela Ponte do Bico, na confluencia do Homem e do Cavado, conduz aos Arcos e ao Alto Minho, leva-nos a bifurcação d'esse ponto pela estrada que de Braga vae ter seu termo na serra do Gerez.

Passado Adaúfe, cuja egreja se destaca á direita do caminho em proporções mais do que me-

dianas para freguezia rural e deixando para trás os largos portões de varias quintas, em que se olham grandes casas, indicando gente rica ou attestando o dinheiro do Brazil, desce-se á Ponte do Porto, obra monumental dos romanos que, collocada na geira, fazia a passagem sobre o Cavado.

«Esta ponte de onze arcos de solida cantaria e abertura desigual, afigura-se-me obra romana.

«São de grande raio levemente ogivaes os três arcos do centro, intermeiados de aberturas em fórma de ferradura; a estes apoiam dois outros, um de cada lado e de volta quasi inteira segundo parece; dos dois outros de volta inteira alguns foram visivelmente apeados e reconstruidos com maior abertura, senão para melhor vazão das aguas pluviaes, para exalçamento das avenidas». [1]

Desde esse momento, em que pouco adeante se encontra, ligando-se com esta, a estrada que vem da Feira Nova e de Amares e que á sahida de Braga se bifurca com a do Gerez, sendo por isso uma variante apreciavel do caminho, vae-se de vez em quando olhando a fita do Cavado, sobranceiro ao qual a estrada agora corre sempre, vendo-se ao fundo o rio que, ora se apresenta imponente, deixando entrever o esqueleto de seu leito de grandes e luzidas pedras, ora se esconde

---

[1] M. Capella — *Milliarios, etc.*

mansamente entre salgueiros, relvas e arbustos.

Mais adeante Bouro, com o seu grande e antigo convento de bernardos, ostenta n'aquelle monumento os restos da grandiosa construcção, onde a muitas gerações de cistercienses decorreu a vida no alheamento do mundo, porém no usufructo de uberrimas terras, regadas por abundantes aguas.

Parece ter sido começado a construir em 1139, data em que se diz ter D. Affonso Henriques incitado os frades bentos da Abbadia a trocarem o habito benedictino pelo de S. Bernardo e a virem fixar-se n'aquelle convento, chamando na occasião outros monges do mosteiro de Alcobaça.

Pouco resta hoje do velho e primitivo convento, coevo dos primeiros annos da monarchia, e a mesma parte restaurada ainda não ha dois seculos tem perdido muito da sua feição primitiva, por se ir desmonorando sem reparações, por abandono e por alguns reparos sem nexo.

Gosaram sua importancia no tempo os frades do convento de Bouro. Tiveram Breve para em tempo de guerra poderem os Abbades dizer missa nos exercitos só com cogula e trazerem pagem de armas em signal do posto; *não se faz aqui gente sem Carta de El-Rei;* o Abbade acudia com ella aonde lhe mandassem o fizesse e tão senhores eram que se algum vassallo fosse servir qual-

quer fidalgo sem ordem sua (excepto El-Rey) sem que primeiro se desnaturalisasse d'esta terra, lhe podiam confiscar os bens para o convento.

O D. Abbade, que tinha jurisdicção espiritual e temporal, fazia de Juiz ordinario no civil, pertencendo o crime ao vigario de Santa Martha, onde o mesmo abbade era Capitão Mór.

N'este convento foi sepultada D. Mécia Paes Ribeiro, amante de D. Sancho I, ignorando-se porém o sitio onde jaz, desde que se mudou a primitiva egreja. [1]

Ainda hoje se encontram na egreja, na sachristia, nos velhos claustros e outros pontos, restos apreciaveis em obras de talha, azulejo, etc.

Foi no convento de Bouro que se refugiou em penitencia de seus anteriores peccados e vida pouco regrada o padre Bento da Mó, Frei Bento das Dôres da Virgem, no mosteiro, pae de Manoel Vieira, heroe principal do romance de Camillo, *O Demonio do Ouro*, de que alguns capitulos e episodios tiveram sua acção nas abas da serra do Gerez.

Link, o celebre naturalista allemão que excursionou por Portugal de 1797 a 1799 em viagens de estudo, dirigindo-se á serra do Gerez, onde se demorou, fez sua paragem em Bouro, hospedan-

---

[1] P.e Carvalho da Costa — *Corographia Portugueza.*

do-se no convento, que considera muito rico, com uma espaçosa quinta, abundante de famosas laranjas, certamente as mães das ainda hoje bem afamadas laranjas de Bouro.

Foi em Bouro que Link pôde fazer a ultima das suas observações barometricas.

Para medir as altitudes do Gerez e da Estrella trazia comsigo um barometro de Hurter, mas o instrumento, chegado até alli com todos os cuidados e que nem ao voltar-se o carro em sitio de mau caminho ficara damnificado, não teve a mesma sorte nas mãos curiosas dos frades, que furtivamente se lhe introduziram no quarto, partindo-o juntamente com o thermometro.

Diz Link que os frades, a quem um velho abbade, já caduco, dava excessos de liberdade, eram tão ignorantes e preguiçosos como mal educados. Comiam muito, mas não bebiam em demasia, o que lhe não causou admiração com o vinho que elle classificou de detestavel. [1]

Alguns poucos kilometros á esquerda de Bouro eleva-se em um monte o mosteiro de Nossa Senhora da Abbadia, onde cada anno se fazem mais do que uma concorrida romarias.

Diz a tradição que em logar solitario e cercado de serras existiu em tempos um mosteiro

---

[1] *Voyage en Portugal depuis 1797 jusq'en 1799* par M. Link (Paris, 1803).

de frades bentos de que se perdeu toda a memoria, suppondo-se destruido pelos mouros.

Vivendo o conde D. Henrique, havia alli uma ermida de S. Miguel Archanjo, onde vivia um ermitão cheio de virtudes e santidade.

Paio Amado, descendente de Egas Moniz, tendo viuvado de D. Mumia, dama da rainha D. Thereza e que morreu de parto, cheio de sentimento e desgosto, retirou-se de Braga para junto do ermitão, com quem passou a viver, para ambos servirem a Deus.

Uma noite viu Paio Amado a distancia uma luz e observando-a com o companheiro mais algumas noites, demarcaram o sitio, onde no dia seguinte encontraram uma imagem da Virgem, talhada em pedra, pelo que para alli se transferiram, fazendo por suas mãos outra ermida, que chamaram de Nossa Senhora da Abbadia, por alli viverem em communidade os abbades bentos e outros monges.

A fama dos repetidos milagres da Santa fez com que lhe edificassem maior egreja. [1]

D. Paio Amado, que succedeu na abbadia ao primeiro ermitão e em cujo tempo D. Affonso Henriques visitou este mosteiro, está sepultado no adro, ao lado da egreja, tendo sobre a campa

---

[1] P.e Carvalho da Costa — *Corographia Portugueza.*

uma lagea, cujas lettras o tempo tem apagado de todo. Sobre essa campa vão agora muitos romeiros sondar os seus coefficientes de santidade: deitam-se com as *mãos postas* sobre o peito, fazendo diligencias para se pôrem a pé sem apoio ou auxilio das mãos e braços, considerando-se na graça de Deus os que o conseguem e reprobos os que não logram realisar aquelle intento!

Ao largar de Bouro começam a vêr-se melhor na encosta á direita, para lá do rio, os montes de Vieira, onde corre a estrada que, vindo de Braga para Chaves, passa pelo Penedo, pequena povoação por onde em outros tempos se descia para o Gerez.

D'essa estrada se anda tirando agora uma derivação que um dia virá entroncar com a que de Braga vae ao Gerez, por uma ponte sobre o Cavado, na confluencia do rio das Caldas, ponte que ha muitos annos aguarda o dia d'aquelle encontro.

Já muito antes, ao alto, se avistara o velho castello de Lanhozo, celebre de tradições historicas.

Alli fôra que Rodrigo Gonçalves Pereira, antepassado de Nun'Alvares, deixara sua mulher Ignez Sanchez e sabendo como ella ahi fazia maldade com um frade de Bouro, foi lá em armas, cercou o castello e pondo-lhe fogo, fez arder na

mesma fogueira a mulher e o frade e a mais gente, com as bestas, os cães e tudo quanto havia dentro, para que a chamma consumisse por completo os sacrilegos e a deshonra. [1]

Era d'esta força o sangue que girava nas veias d'aquelle que mais tarde havia de ser o valoroso e santo condestavel, filho e neto de ecclesiasticos, D. Frei Alvaro Gonçalves Pereira, Prior do Crato, pae de 32 filhos, dezoito dos quaes e entre elles D. Nuno, se reuniram á sua morte no Castello de Amieira, no Alemtejo, [3] que elle proprio construira, e D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, que ainda estudante em Salamanca *filhou* Tareja Pires Villarinho.

A curto praso a vista vae morrer ao largo pelas terras de Barroso; avistam-se os altos da Borrageira, da Pedra Bella e do Cabril e d'alli por pouco abre-se em frente toda a garganta que entre duas encostas vae do Villar da Veiga, pelas Caldas e por Leonte até á Hespanha.

Desenham-se nitidamente o observatorio meteorologico da matta do Estado e as primeiras

---

1 Oliveira Martins — *A Vida de Nun'Alvares* (Lisboa MDCCCXCIII).

2 Bem carecia este castello de ser considerado como monumento nacional e ter os cuidados de conservação de que muito é merecedor. Ha muitos annos que a dentro das suas muralhas de quatro torres, uma a cada angulo, se faz o cemiterio da povoação.

edificações que fazem a guarda de honra á entrada na Avenida das Caldas; mais longe as casas florestaes, onde a da Preguiça é a ante-camara aos primeiros carvalhos da magestosa matta de Leonte.

Logo se principia a descer precipitadamente sobre as Pontes, de onde sáe um ramal para Rio Caldo e outro segue em plano para o Villar da Veiga, ponto de nascença da extensa subida que vae morrer nas thermas.

Até aqui toda a linda estrada de Braga tem-nos proporcionado um trajecto cheio dos maiores e mais variados encantos, guardada sempre por filas de arvoredo, em que os salgueiros, os platanos, as cerejeiras e os carvalhos estendem os seus braços nús, martyrisados de golpes em nodosas cicatrizes, para n'elles se crucificarem as vinhas d'enforcado.

Rio Caldo é freguezia prospera; bons terrenos e bôas fructas, mas muito melhor do que isso, tem dentro de si uma fonte permanente de riquezas: o sanctuario de S. Bento da Porta Aberta, onde crentes sem conta vão em differentes romarias annuaes de lonţes terras, depôr o obulo de suas promessas por milagres que sempre agradecem desta maneira ao mesmo santo.

Por este despojar de uns nascem beneficios collectivos que outros aproveitam em estradas, escolas, festas e outras utilidades.

Alli foi que as justiças houveram ás mãos

aquelle celebre Seraphim Gonçalves, chefe da quadrilha que elle mesmo chamava os *Bravos de Simães*, que tanto terror e damnos causou por terras de Lanhoso, Vieira e Braga.

Elle que, com alguns dos seus, assassinara a mãe do abbade de Rio Caldo, de cujo marido era filho natural, em 1829, veio mais tarde, em 1845, culpado de varios crimes, a ser enforcado em Braga. [1]

O Villar tem a marginal-o pela esquerda extensas veigas, regadas pelo rio que vem de Leonte, que o alimentam de pão e de vinho e de hervas para seus gados; não tem sanctuarios, mas é a séde da freguezia a que pertencem as Caldas do Gerez, onde cada anno acodem milhares de romeiros em uma peregrinação que vae procurar na bica de suas aguas thermaes a realisação de milagres, que não ousou confiar á interferencia de outros santos da sua devoção.

---

[1] *O Demonio do Ouro*, por Camilllo Castello Branco.

III

Caracteristicas das povoações serranas

As povoações serranas, pouco numerosas e pequenas, mantêem uma vida no geral pouco mais de primitiva nos costumes e usos proprios e nas suas relações sociaes.

O seu espirito conserva-se acanhado e curto, como o seria ha alguns seculos, sem educação e sem illustração que lhes deixem adivinhar a comprehensão do seu valor social como elementos de producção de vida, de trabalho e de riqueza.

Elles mesmos parece ás vezes que se convencem ser de um estôfo inferior ao do resto da humanidade; são humildes, no geral, mas de uma humildade que vae além dos limites que a correcta linha do respeito extrema.

Evidentemente, esta feição, contradictoria com a independencia que por outro lado conservam, tem a sua determinante principal na enorme e miserrima pobreza que se encontra, que mesmo

com o sorvedouro do Brazil sempre aberto, constitue a maior parte desta região minhota.

As grandes necessidades e a falta de recursos impõem a quem não tem na força do seu braço e no valimento do seu trabalho a independencia que a simples condição de homem garante, um baixar de olhos e um curvar de cabeça a que a pobreza obriga com sinceridade, mas que aqui não é, nem respeito sincero, nem humildade confiante.

São pouco expansivos e abertos, e com pouca confiança na sinceridade alheia. O analphabetismo e a ignorancia são dominantes.

Freguezias distanciadas umas das outras, pequenos logares longe das freguezias a que pertencem e quasi todos encravados em região montanhosa e communicados por caminhos raros e de custoso piso, disfructam pouco dos beneficios da instrucção: poucas escolas e essas mal frequentadas; o ensino diminutamente procurado e fracamente estipendiado.

Apontam-se os que sabem ler e os echos do que vae no mundo, que para elles acaba não muito além do concelho ou da comarca, apenas chegam levados pela luz de algum jornal politico-religioso, unica imprensa que por lá penetra.

De facto, o minhoto em geral, e refinadamente nas povoações serranas, é excessivamente religioso.

Não prescindindo de repetidas festas, arraiaes

e romarias, não teem todavia em todos os seus actos uma pureza de costumes, como seria licito esperar de quem tanto exteriorisa o temor de Deus e a adoração de todos os santos.

A par de tudo, o genio do serrano é repetidamente irrequieto.

A romaria, onde se vão deixar a Deus e aos seus santos grossas esportulas de dinheiro, de generos e de gados, Deus sabe com quantos sacrificios e lagrimas ás vezes arranjados, e o quanto representam de suor gasto e trabalho consumido, é o campo largo onde se dirimem velhos pleitos, antigas rixas, liquidação de amor com contas em atrazo e quantos resentimentos se hão mantido represados á espera de propicia hora.

E' por isso que, emquanto o fisco faz colheita e estatistica das pipas consumidas, a auctoridade por seu lado arrola as cabeças partidas e costellas amachucadas e muitas vezes até as mortes, e lá dentro as confrarias verificam o quanto vae rendendo, em nome do santo, a pingadeira das esmolas.

A' porta dos sanctuarios, durante o dia, ecclesiasticos correctamente aprumados, de lapis e papel, tomam nota e encommenda de missas a longo e curto praso, com que uma boa parte d'aquelle formigueiro de fieis vae fazendo adeantamentos em vida, como desconto de novos e velhos peccados, para ter bom conchego na eternidade.

A religião assim, uma *pandega ao divino*, na phrase suppomos que de Eça, não é a adoração sincera assente n'uma crença pura e intelligente: é antes o pretexto para praticas que nada condizem com o espirito religioso dos actos da egreja e que bem deixam os que os realisam estacionarios no ponto em que a crença estaca, para se transformar no maior dos desabrimentos de corpo e de espirito.

D'ahi a nota de que a provincia mais religiosa do paiz seja talvez das de genio mais turbulento e das em que não menos avulta a criminalidade, decorrendo a vida dos povos com frequencia no giro d'estes três fulcros: a egreja, a taberna e o tribunal.

Em politica a mesma ignorancia.

Na serra não ha opinião, e ha pouca consciencia de voto. E' raro o influente com representação exterior, residindo no clero as maiores forças eleitoraes, que põem ao serviço d'aquelles a quem as suas opiniões ou os interesses locaes mais devem, ou de quem mais esperam.

São poucas e pouco habitadas, como disse, as povoações serranas e comprehende-se bem que assim succeda.

A pobreza natural do solo agricola, feito quasi só da desaggregação da grande massa granitica que fórma a região gereziana, convidava pouco

á fixação de povoados, que mal tinham superficie para expandir-se e menos ainda possibilidade de cultura para se alimentarem, o que constitue condição essencial de vida.

D'ahi a diminuta habitabilidade das serras e a grande miseria de recursos naturaes e monetarios de que sempre viveriam e ainda hoje vivem as suas povoações, apenas estabelecidas n'um ou n'outro ponto onde a montanha, abrindo mais largas clareiras, dava jús ao aproveitamento de mais ferteis nesgas de terreno agricultavel.

A pouca terra conquistada palmo a palmo pelas encostas dos montes, em socalcos enfileirados em uma amphitheatria phantastica, é disputada com ardor e ciume.

N'aquellas leiras resumidissimas se desenvolve pelo anno adeante todo o trabalho do dono e da familia, para tornarem regularmente productivo o terreno mais ingrato.

Link, notando os esforços prodigiosos que o Minho empregava para aproveitar até ás ultimas parcellas a pouca terra que as rochas deixavam livre, verificou comtudo que a agricultura não era orientada por bôas regras de trabalho e alfaiaria.

Hoje não succede bem assim e comquanto o Minho não seja ainda das mais adeantadas provincias no que respeita á agricultura, nota-se certa tendencia para progredimento e para o abandono de velhos habitos, tendencia que aliás

não chegou ainda ás povoações mais internadas na serra.

Esta agricultura é verdadeiramente o que se diz metter o Rocio na Betesga.

Em quatro palmos de terra vegetam o lameiro, que dá a herva para a vacca; o castanheiro, que dá o magusto; a cerdeira, que dá a cereja e abraçada ás arvores a vinha, geradora do *verde*, que é a alegria do espirito e a vida das romarias; no terreno que ainda fica livre, vive a batata e o feijão e cresce o S. Miguel, com que vem para a casa a abastança da brôa.

A cêva accumula o mealheiro das sobras e das *aguas*, dando com o fornecimento do bom presigo, o unto indispensavel ao tempero do caldo das tronchudas e das gallegas, com alguns feijões em suspensão.

E toda esta cultura se orienta quasi só pelas prescripções da folhinha.

Talvez que em nenhuma outra parte do paiz, como no Minho, se creia tanto na infallibilidade do papa e nos juizos do borda d'agua.

O juizo do anno é tudo; anceia-se pelo reportorio do anno novo, como se suspira por um bom logar na outra vida.

Alli se lerão os destinos do futuro: os grandes cataclysmos cosmicos, os eclipses e as luas applicadas aos vaticinios da productividade da terra em pão, em vinho e em fructas de caroço...

E' modesta por consequencia a lavoura.

N'esta região de selamins mal se comprehende o que venha a ser a região dos moios.

A descripção da leziria ou da vasta campina alemtejana, as numerosas ganaderias e os extensos montados, o bulicio dos *montes*, a faina das lavouras e o fumo das debulhas, produzem exclamações admiradas aos habitantes das leiras.

Um ribatejano paroleiro ou um alentado alemtejano causam vertigens de deslumbramento, deixando estarrecidos os grandes lavradores das serras e de partes varias do Minho, em que as maiores riquezas se reduzem a alguns cantaros de azeite, poucos carros de milho e algumas pipas de vinho.

Apezar de tudo, estas gentes devem julgar-se felizes pela alegria que sempre as acompanha.

Effectivamente, de manhã até á noite no mourejar constante da ardua labuta dos campos, nos trabalhos domesticos, em toda a parte onde se encontram em grupos ou isolados, são permanentes os cantares com que acompanham os serviços; no vestuario a escolha de côres berrantes, conjugadas quasi sempre em um destacante conjuncto, dão por egual a mesma nota de alacridade.

A folia permanente das festanças e romarias, as danças no terreiro ao ar livre, as cantorias nos ranchos dos misteres dos campos, as ves-

sadas, as esfolhadas, as colheitas do milho, do vinho, do linho e todos os actos de vida collectiva d'estas gentes são parenthesis abertos para esquecer as maguas de muitos desconfortos, o desgosto de muitas necessidades, temperados bastas vezes com alguns quartilhos do *verde*, que indistinctamente homens e mulheres emborcam ao balcão da venda.

Teem pouco a noção do decoro proprio, minguados habitos de limpeza, poucos cuidados com a hygiene individual e commum. Noções de educação e de esthetica, principios de adeantamento, uma certa comprehensão para a vida social, são valores de muito pequeno alcance.

Ha um desleixo e um desprezo notaveis nas pessoas e nas cousas, ponto em que se distanceiam enormemente das povoações do sul, destacando-se estas pela brancura exterior de suas casas e tornando-se notadas pelo conforto, irreprehensivel limpeza e cuidada ordem e arranjo das suas habitações, mesmo nas mais pobres classes.

Lá, nos campos, as casas de lavoura poem notas ridentes na aridez da planicie, que a sequencia não interrompida de muitos kilometros sem gôta de agua nascida torna triste, da tristeza de uma vegetação morta; aqui, campo tão verde, tão attrahente e tão alegre, poucas preoc-

cupações se dispendem em seguir e auxiliar a prodiga natureza, completando com uma cuidada esthetica os aposentos e moradias e com desvellos de aceio, limpeza e conforto as habitações e as pessoas.

Por isso, uma nota que sobresahe logo ao primeiro inquerito, é o aspecto pouco agradavel das construcções em que as gentes se abrigam, sujas, sem bellezas nem attractivos, nas quaes vivem sob o mesmo tecto, n'uma promiscuidade muito visinha, a familia, os animaes de sua lavoura, o porco e a capoeira.

E d'essa communidade de vida nascem necessariamente habitos de pouco regular aceio, aggravados com a viciação de um ar que, podendo ser tão saudavel e tão puro como o é cá fóra, envenena e mata lentamente.

«A casa terreira da montanha, traduzindo o mister agricolo-pastoril do habitante, mantem-se sempre n'uma elementar rudeza constructiva. Collocam-se os blocos sem cimento ou dispõe-se o schisto em assentadas, deixando fendas por onde o fumo se esvae ou a luz entra; e a pedra com um miudo apparelho polygonal, nem sempre se justapõe á fieira e raramente é escudada. Sob o colmasso de duas ou quatro aguas, com lages fixando os cumes (Pitões, Covellães, Villarinho de Negrões) a fuligem pende em estalactites ou sequer como reveste interiormente as paredes de verniz. Três, dois, mesmo um só compartimento

aloja animaes e pessoas. Onde é cosinha, é tudo: alli se dorme, alli se tece, gallinhas sobre os catres, porcos familiares, ovelhas estorvando a mulher na sua occupação com o sarilho ou dobadoura, n'uma canastra a creança e o cão dormindo juntos (Tibo, Peneda, Gavieira).

«As ondulações do solo, principalmente nas regiões serranas, aproveitam-se muitas vezes n'uma parte da parede ou manteem-se no pavimento tortuoso (Gavieira, Peneda, Campo do Gerez); e os blocos com que o predio se ultima em harmonia com a natureza envolvente, dispõem-se quasi sem apparelho, sem preoccupação de fiadas nem rebocos (Gralheira, Serra Amarella, Adrão no Suajo)». [1]

Familias inteiras haverá que porventura não conheceram nunca as vantagens e o prazer de um bello banho, nem tão pouco a conveniencia e sensação da agua applicada á lavagem da cara todos os dias.

A aventura da emigração, sobretudo para o Brazil, é ainda caracteristica dos montanhezes, caracteristica de resto muito commum nas provincias do norte.

---

[1] Rocha Peixoto — *A Casa Portugueza*, in *A Construcção Moderna* — Anno V — N.os 141-142.

Aqui, onde a população cresce, sem que os recursos augmentem parallelamente e onde a terra escasseia para os braços que se vão multiplicando, o Brazil é no geral, ao mesmo tempo que um sorvedouro de vidas, uma valvula de segurança para o equilibrio da vida e aos que são de mais só fica adeante de si aguardarem a pé firme a fome e a miseria, ou lançarem-se no desconhecido de longes terras, de sonhadas e appetecidas riquezas.

O Brazil continua a ser a mesma derivante aberta desde velhos seculos ao genio especulador de uma grande parte que, pondo de remissa o amor á vida, a joga nas heroicas tentativas de uma emigração feita só na esperançada conquista de um futuro a coberto de necessidades, grangeado durante alguns annos na improba colheita da arvore milagrosa. E elles ahi vão, mar em fóra, grandes e pequenos, com ou sem familia, lançando-se abertamente em uma vida de incertezas, tendo a cada hora, a atravancar-lhes o passo, uma interrogação sempre renovada, que ao nitido lhes apresenta o futuro n'uma esphyngica e indecifravel marcha.

E, se é certo que muitos sossobram, bastantes ha ainda que ao depois voltam a ostentar o seu triumpho na abundante moeda que os fez endinheirados. E como os exemplos não escasseiam, não será facil tão cêdo extinguir essa corrente de ha muito enkistada em um tradiccionalismo

irreductivel, que o andar dos tempos não tem conseguido amortecer nem affrouxar.

E' assim que por toda a parte o dinheiro do Brazil enche as melhores salas, destacando-se em notavel evidencia ao lado de enraizados morgadios prestes a desmoronarem-se.

Em nenhuma outra parte, como no Minho, se vê tanto a evocação de um passado de fidalguias e nobreza, hoje já muito abaladas algumas nos seus velhos titulos de riqueza, diminuida em multiplicadas gerações, com as quaes faz flagrante contraste o brazileirismo endinheirado, que á velha rocha disputa as primazias em titulos e commendas, ao contrario de outros que, voltando á leira paterna, alli veem ainda suavisar no aconchego de varios auxilios os pés descalços e os farrapos de outros com quem, mal ao passar a primiera decada, travaram na aldeia as primeiras brigas da rua, ou tomaram os primeiros ninhos.

IV

Regimen pastoril

Os povos do Gerez, e não só estes, como os de outras regiões do norte, conservaram e manteem ainda hoje em grande parte as tradições e costumes que lhes veem dos povos que remotamente os precederam.

Independentemente da herança tradiccional, havia ainda a influir poderosamente o afastamento dos grandes centros, mantido n'um isolamento soberano pelas difficuldades de communicação, origem da impossibilidade de lá chegarem os progressos e os beneficios sociaes.

Nada de agricultura, nem de commercio de relações externas, esses dois grandes factores de sociabilidade e educação.

Vivendo em maiores altitudes e sem meios de communicação que facilitassem o accesso aos que aos povoados subissem ou aos que de lá descessem, os povos da serra constituiam-se em

organisação social, que elles mesmos decretavam e á qual obedeciam e obedecem ainda hoje com aquella diligencia e espontaneidade só facilmente comprehensiveis n'aquillo que é livremente estipulado e acceite e que os tempos consagram para vindouros n'um uso indestructivel.

O seu regimen de vida, decretado pelas imperiosas condições de meio, é essencialmente pastoril e n'elle assenta a base da exploração de toda a serra, que entregam á producção unica de pastagens, com exclusão completa da arborisação florestal.

N'estas condições e porque a serra era propriedade commum, creavam entre si leis, consignadas em regulamentos especiaes, por onde ainda hoje se regem, observando um communismo de direitos e obrigações que tornam profundamente solidarios entre si todos os individuos das diversas povoações.

Veem estes usos de tempos de que não ha memoria nem noticia, usos que parecem ser communs em outras regiões montanhosas; ha-os nos Alpes Francezes e Suissos e egualmente os ha ainda na nossa serra do Suajo e outras.

Estas leis não se estendem apenas ao regimen dos gados: vão mais longe em algumas localidades, pois prescrevem principios que se applicam a todas as questões de interesse collectivo.

Esta independencia de vida levava certos povos a observarem um egoismo feroz no seu iso-

lamento, que queriam manter soberano, repudiando absolutamente o convivio de extranhos.

Assim, no regulamento de Villarinho da Furna se prescreve que ninguem possa arrendar casa a pessoa de fóra, sob pena de 6$000 reis de multa, o que corresponde á sentença de expulsão de *visinho*, pela qual o que a ella fosse condemnado teria de retirar-se, porque todos lhe negariam o seu convivio e o seu auxilio

Ainda sobre este particular, é interessante a nota que o doutor Rebello de Carvalho, para a *Noticia topographica e physica do Gerez e das suas aguas thermaes*, transcreveu de Contador d'Argote, das *Memorias do Arcebispado de Braga*.

«Os montanhezes do Gerez são agigantados e fortes e as mulheres robustas e dadas a trabalhar as suas fazendas. Em algumas freguezias é gente pouco caridosa para com os d'outras terras.

«Ajustão seus casamentos na mesma freguezia e na de S. João do Campo se não acha hum só homem que viesse de fóra e todos os que não são naturaes chamão-lhe *vendiços*, isto he, gente estrangeira de que se não deve fazer caso, nem dar-lhes entrada em suas terras e isto denotão os *estatutos* que tem a respeito de certas herdades, que chamão *cazarios*, em que todos os moradores do campo tem sua parte e por *leis*, instituidas por seus antepassados de tempos antiguissimos, não póde n'elles succeder ninguem que nascesse fóra do Logar e Freguezia, o que obser-

vão com tal rigor que os mesmos filhos, se por algum incidente nascém em outra Parôchia ou Terra estranha, s'entendem ficar exclusos d'aquella herança. Vivem em grande união, e offender a hum morador he o mesmo que aggravar a todos no seu conceito.

«São arrogantes e destemidos: levão seus gados todos juntos em hum só rebanho, a que dão o nome de *bezeira*, a pastar todos os dias pelo interior d'aquellas serranias e valles, e todos por ordem e alternativamente o acompanhão.

«Nos moinhos tambem são companheiros e todos tem n'elles o seu dia. Nunca partem os seus bens e fazendas para não empobrecerem: os seus casamentos ordinarios são por troca. Não exercitão officio nenhum; e só estimão o da agricultura. Todos malhão em huma só eira e huma só parede lhes tapa todas as suas propriedades e lavouras. Este he o estylo estabelecido em S. João do Campo».

Claro é que, porém, os costumes se teem vindo modificando e de muitas das praticas acima mencionadas estão hoje abolidas umas e enfraquecidas outras, tanto no Campo, como nas demais freguezias, mas não no resto, quanto respeita ao regimen dos gados. N'esse, como em quasi todos os outros serviços agricolas, se mantem ainda o communismo realisado de harmonia e á boa paz, prestando-se todos o mutuo auxilio para a realisação das vessadas, das segadas, das vindimas, das cavadas, etc.

O Campo não tem actualmente regulamento proprio por se ter extraviado por qualquer fórma o que havia, mas isso não impede que a tradição se mantenha inalteravel em muitas praticas e serviços.

Pelos diversos regulamentos se creava um conselho director para presidir á resolução dos diversos assumptos de interesse geral, ou mesmo para resolver pequenos litigios pessoaes. E o que é certo, é que as auctoridades a quem taes regimens investem de poderes são respeitadas com mais acatamento e as suas deliberações cumpridas com mais diligencia e exactidão do que as das auctoridades que o regimen administrativo e politico do paiz lhes envia. Das questões a dirimir entre elles raramente haverá appello e nem isso é preciso, porque entre elles se resolvem.

De resto, a solidariedade commum é uma caracteristica certa nas gentes que vivem, por assim dizer, em tribu.

Argote aponta-a como notavelmente saliente na nota já transcripta; egualmente sobresahe nos varios estatutos da serra e D. Antonio da Costa a faz notar nos povos do Suajo, a par de um grande espirito de independencia, que é tambem commum aos povos do Gerez. [1]

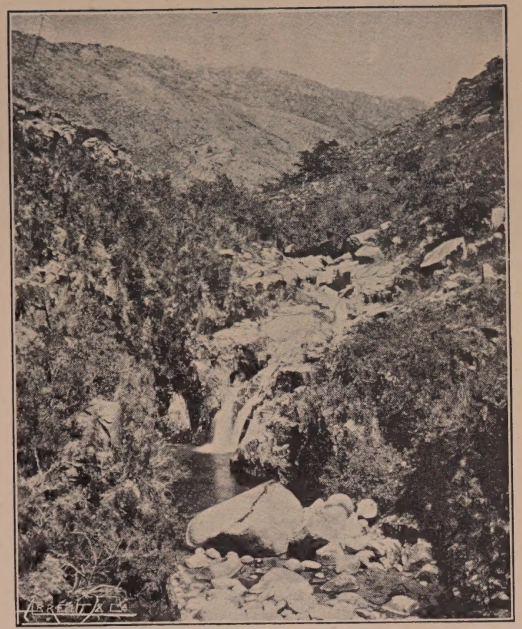
---

[1] D. Antonio da Costa — *No Minho* (Porto 1900).

Este regimen de vida, de tão extremado communismo, ia necessariamente mais longe e a avaliar pela intensidade com que agora mesmo se praticam certos usos, é de presumir que em epocas não muito afastadas a moeda seria cousa de pouco valor e reduzido curso, vivendo-se quasi exclusivamente sob um regimen economico todo assente na permuta de serviço por serviço e de producto por producto.

E' porém notavel a maneira como espiritos rudes, deseducados e ignorantes, conseguiam coordenar um certo numero de principios e regras, que mais parecem tirados do modo de ser de sociedades mais avançadas e mais bem constituidas e aos quaes preside um grande espirito de equidade, do que de gentes encravadas no meio de altas e agrestes montanhas, sem mais largos horisontes do que os contrafortes das suas serras, onde por todos os lados a vista vae morrer.

Assim, no regulamento para a vezeira do Villar da Veiga se estabelece que ella seja governada por um *Juiz*, por promoção do Procurador do anno anterior, por um *Procurador*, nomeado em assembleia geral dos vezeiros, pelos seis *Homens da Falla*, escolhidos pelos dois anteriores, os quaes teem todos de dar conta de seus actos nas reuniões da freguezia, quando sejam convocadas; na escriptura de união dos moradores de Covide vae-se mais longe ainda, determinando-se que o



Cascata do Rio Homem, em S. Miguel

Um casal na Serra

Juiz, chamado de vintena, faça recahir a escolha dos seis vogaes sobre *dois dos mais ricos*, *dois dos mais ordinarios e dois dos de mais inferiores teres*, dependendo ainda as resoluções da approvação por pluralidade de votos.

No regulamento ou escriptura de união de Rio Caldo, sensivelmente egual aos outros no respeitante aos gados em pastoreação na serra, ha disposições como as que estabelecem que será multado todo aquelle que bater com pau ou pedra no gado da vezeira e egualmente aquelle que faltar ao respeito ou fallar alto no *chamado*, pelas quaes se garante o bom tratamento aos animaes e o respeito pela auctoridade e ao juiz de Covide e ao de Villarinho da Furna incumbem tambem as funcções de marcar os dias em que hão de realisar-se as segadas, as vindimas, as colheitas do milho, etc.

Transcrevemos o regulamento da vezeira de Villar da Veiga e as escripturas de contracto e união das povoações de Rio Caldo, Covide e Villarinho da Furna, documentos até ha pouco completamente ineditos.

Livro que hade servir para o Rol Viseira das Vacas da freguezia de Santo Antonio do Villar da Veiga. Feito no anno de 1882; reformado na forma do antigo, por se achar arruinado, mas sem mudança de costumes, que vae a ser a signado

por todos os Vezeiros. Usos e costumes da Vezeira das Vacas da freguezia do Villar da Veiga, concelho de Terras de Bouro comarca de Vieira.

Primeiramente hé de costume d'esta Veseira em o derradeiro domingo de Abril de cada um anno depois da missa conventual a juntarem-se os Veseiros no sitio da Moldeira, a juntarem-se tódos os que tem Vacas, e na quelle dia não são avisados porque o dia os chama pelos costumes n'este dia se fás a eleição do procurador da dita veseira e o Juis que fica servindo, o que no anno antecedente serviu de procurador e o Juis que acaba n'esse dia dá juramento ao que entra; antes de isto dá execução aos seus erros que são os d'seu anno, e depois o Juis novo dá Juramento ao seu procurador novo que é eleito pelo acordo, que expediu no mesmo dia; e o novo Juis com o seu procurador elegem os seis homens da falla para governarem o que fôr para bem da dita Veseira. Hé costume n'este dia detreminar os dias para cobrir as cabanas, que se chama dia de covaes; e os que n'elle faltarem pagão de condena os costumes á Veseira que são tresentos réis excepto tendo Veseira de rês, ou gado, ou boda ou Baptisado, ou cargo de justiça. Hé de costume d'esta Veseira, no primeiro de maio por a Veseira aonde o acordo determinar, e será obrigado o pastor que for n'esse dia a levar a louça, Alvião e caldeira da dita Veseira, para onde lhe for detreminado pelo acordo e todos os Veseiros serão

obrigados a por as suas Vacas em o curral quando o acordo detreminar, e o pastor tomará conta de todas as Vacas que lhe forem entregues, sendo filhos das tres Veseiras e d'ellas dará conta ao que se lhe seguir, e as que lhe faltarem as buscará dois dias tendo pão e não as achando nos dois dias dará recado a seu dono e com elle irá a busca e achandos enteiras, que se conheça que foi d'achaque, então não tem obrigação de as pagar, salvo se não fizer a diligencia a procurallas que por esse respeito apodreção, ou se percão; que em tal caso as pagarão, e os costumes a Veseira e assim mais as que forem feridas, em modo que não iscapem, ou mortas pelo o bicho: sempre o pastor é obrigado a pagallas a seu dono, pelo preço que Valerem:

E todo pastor que estiver a guardar e aconteça que o lobo fira qualquer animal, este pastor o trará á porta do dono para tomar conta d'elle, e não querendo este aceitallo sem estar curado; o dito pastor chamará um homem e o dono do animal outro; e estes homens louvarão o animal, pagando o pastor ao dono dentro em trinta dias o preço em que foi posto, e fará do animal o que quiser o dito pastor. Hé costume d'esta Veseira, sendo Veserro mamão macho ou femia, matando o como fica dito, a respeito as Vacas, não pagarão os pastores senão quatrocentos reis por cabeça. E sendo subrano se pagará pelo que valer com as Vacas, e estes Veserros subranos, se

intendem nassidos das tres Veseiras que pastão n'esta serra, que estes se guardarão na Veseira como as Vacas na forma dita. Todo que trouxer Vacas fóra das tres Veseiras as afará tres dias na Veseira, e logo assim que forem para ella não as afazendo não andarão por conta do pastor; e matando-as assim o lobo não as pagarão os pastores a seus donos, e d'ellas pagarão os costumes á Veseira.

Todo o Veseiro que não for guardar os seus dias quando lhe tocar, dando-lhe recado pagará os costumes a Veseira, e mil e duzentos para o que lá fica a guardar á sua custa, excepto se tiver causa de justiça ou doença como a tras se declara a respeito dos covaes, mas n'este caso dará recado antão ao que se segue debaixo da mesma pena e o tal recado será dado de vespera pela manhã, e quando pelo acordo for mandado mudar a Veseira, os pastores a mudarão.

De baixo da mesma pena, tourando algumas Vacas com o touro para a verem de tomar o corral; e os que não sahirem no seu dia, como dito fica pelos impedimentos já ditos, acabados os impedimentos sahirão logo a procurar a roda a onde for para que não saião a diante, e este lhe largará o dia que d'esta sórte é costume o que uns e outros comprirão debaixo da mesma pena dos costumes da Veseira.

Quando se fizerem os chamados uma vês que esteja um de Paredes se tirará conta, os que fal-

tarem pagarão um vintem, tambem é costume quem tem duas vacas, guarda na Veseira um dia de cada roda, e quem tem uma guardar na primeira roda um dia e na segunda roda folga e assim se regulla quem tem tres ou mais conforme as que tem regulando-se por duas ao dia.

Hé mais costume da Veseira assim que se vender o touro velho com o dinheiro comprar outro para a dita Veseira.

Hé costume não descer a Veseira para baixo athé dia da Snr.ª da Abbadia, [1] isto se entende de Burrageiras para baixo e d'esse dia por diante decerá quando os homens do acordo detreminaram. Tambem é costume que qualquer moço solteiro sendo capas é aceite pelo acordo na Veseira, obrigando-se seus paes por elle ou chefe de familia, este depois de aceite poderá levar em sua companhia quem quiser.

Hé costume d'esta Veseira tanto que ella passar da presa para cima passada a occasião das segadas guardar cada um o que tiver. — Hé costume d'esta Veseira dado que alguns dos Veseiros não queirão pagar logo; os costumes que n'estes se achão escriptos e a signados depois de serem ouvidos pelo acordo e offeciaes se lançarão fora d'esta sociedade; Outro sim os que não quiserem estar pela dita condenação poderão ser

[1] 15 d'agosto.

por determinação do acordo serem lançados fora da Veseira e se lhe não tomará mais conta do seu gado, sendo na mesma ocasião avisados pelo procurador da Veseira e se lhe não tomará mais conta do seu gado ou em chamado ou em presença de duas testemunhas para que tome conta do seu gado e que o não querem mais na Veseira nem na sociedade e não tem mais obrigação os Veseiros de gardar o gado dos taes rebeis nem lhe pagar os seus gados, mas antes os darão desagregados de sua Veseira e lançado fóra da mesma.

A mesma pena terá aquelle Veseiro que na dita Veseira trouxer gado agregado já o que toca á mesma; e o que não quiser d'esta sorte, bae contra os mesmos usos. Outro sim todo o veseiro que chigado o dia primeiro de Maio apresentará seu gado a onde o acordo detreminar. Tambem os que tiverem veserros na Veseira que os queirão tirar entende-se veserros ou veserras o poderão fazer, dando parte aos pastores, primeiro, ficando as Vacas mães Veserros por conta dos donos quatro dias, e passados os quatro dias continuarão a ser entregues.

Estes são os usos e costumes d'esta Veseira que sempre se oveservarão de tempo a tempo que não há memoria nem noticia, e sempre assim se oversevarão e por essa razão se mandarão lançar estes ditos usos n'este dito livro para memoria e para que sempre permaneção e todos observem na forma d'elles e os asignam todos

os Vezeiros que de presente se achão e de futuro se seguirem. Seguem-se as a signaturas dos Veseiros declarando mais que as tres Veseiras comprehendidas n'estes usos se compoem d'este freguezia e Rio Caldo, Ermida e da Ribeira bem a ser hoje quatro, e tudo mais que o acordo d'esta Veseira detreminar a bem da mesma Veseira se observar. Mais declaro que todos os Veseiros que os Violar ficão prohibidos de nunca ser ouvidos n'esta Veseira em cousa alguma, e bem assim declaro que no principio de Maio quando começa a Veseira se guardará só o gado que ficar sem guardar no fim de Setembro.

E depois lido a todos vão a signar.

Clausulas extrahidas da Escriptura de contracto entre os moradores da freguezia de Rio Caldo para guarda de gado na serra do Gerez:

Que se reunirão todos os outorgantes no citio de Sam Pedro d'esta freguezia no terceiro domingo do mez de Abril de cada um anno, sem que para isso seião havisados, pois que o dito dia não pode ser alterado, e por isso so este mesmo dia os chama a esta reunião, e o que fallar a ella sendo dos gerentes que são seis que entre élles outorgantes escolheram no dito terceiro Domingo de Abril e que poderão ser escolhidos por maioria de votos ou por illeição annoal que

n'aquelle dito dia farão, o que d'estes faltar depois de serem elleitos pagarão sessenta reis, e sendo dos mais outorgantes por cada um que faltar vinte reis assim como faltando as mais rioneõs pagarão as mesmas quantias assima referidas não mostrando legitimo impedimento seguindo-se quanto á falta dos gerentes o antiguissimo costume.

Que n'este dia os gerentes darão suas contas da receita e despeza que houverem feito a beneficio d'este contracto aos novos gerentes que na forma supera forem elleitos perante todos os outorgantes que presentes estiverem naquelle Domingo terceiro de Abril.

Que nenhum dos outorgantes se poderá escusar de ser gerente logo que seja elleito e serão substituidos todos os annos se assim intenderem todos os outorgantes não sendo gerentes nunca os outorgantes molheres.

Que o que estes gerentes accordarem e determinarem a beneficio de todos os outorgantes se observará com toda a prontidão, e se algum dos não gerentes não respeitar a decisão dos gerentes ou ainda altercando com palabras espirituaes ou offensivas será condenado na quantia de trezentos reis.

Que no precitado dia será affixado pelos gerentes o dia em que se hade ir compor as cabanas e caminhos ao Gerez, os que d'elles outorgantes tiverem Bois hirão compor os pertencen-

tes a este gado e os que tiverem vaccas hirão compor os pertencentes a este mesmo gado por serem diverços os sitios observando-se tudo o que os ditos gerentes determinaram.

Que o producto das condenações será aplicado em concerto das cabanas e otensilios para as mesmas.

Que se algum dos outorgantes for omisso ao pagamento das quotas em que for condenado será logo demandado no juizo competente sendo autores os gerentes que n'esse anno estiverem servindo que constituirão advogado e procurador para as mesmas acções elles por si só, e se algum dos gerentes commetter alguma infracção será demandado pelos gerentes do anno tranzato ao que servir o infractor e que todas as condenações poderão ser pagas voluntariamente pelos infractores, sendo cobrador das condenações um dos gerentes que entre elles seis gerentes escolherem, e quando algum dos infractores se defenda e seja absolvido da condenação por sentença do respectivo juiz ordinario n'este caso as custas serão pagas pelos restantes outorgantes ou pelo producto das condenações havendo-as.

Que quando os gerentes não promovão contra os infractores as competentes acções, serão elles os responsaveis, pagando pelos mesmos infractores no referido dia do chamamento.

Que a Veseira dos Bois será levantada no sitio ou local aonde os gerentes determinarem e no

primeiro dia do mez de Maio de cada anno se o tempo assim o permitir e todos os outorgantes que tiverem a botar este gado ao monte do Gerez guardará só a primeira roda, uma junta ainda que lá a não tenha e os que tencionarem botar mais gado o guardará.

Que no mez de Maio e Setembro de cada anno só haverá um pastor e nos mais mezes será o gado guardado por dois pastores se a veseira assim o premitir e que os pastores nunca poderão mudar as veseiras do gado para outros corraes sem que lhe seja ordenado pelos gerentes.

Que o outorgante que tiver uma só junta guardará um dia, o que tiver duas guardará dous dias.

Que o pastor que perder ou deixar perder alguma cabeça de gado e depois de aparecer morto de Lobo pagará mil e dozentos reis asisará o dono, sendo obrigado a procural-o um dia e depois voltar com o dono a procural-o em dous dias e não o achando não pagará a dita quantia, e só sendo que se ache morto do lobo pagarão todos os pastores que lá estiverão a quantia assima imposta uma vez que tenham tomado conta no dia da sua entrega.

Que fallecendo algum gado de molestia irão quatro dos referidos outorgantes interralo andando este serviço por giro entre todos os referidos outorgantes, ficando excluido d'este serviço o dono do gado.

Que os outorgantes que deixarem de hir fazer este serviço assim como de irem ás composições das cabanas ou caminhos serão condenados cada um em seiscentos reis.

Que os outorgantes que em algum anno não mandaram gado para o monte não serão obrigados a hirem ás composições dos caminhos e cabanas, assim como serão excluidos d'este serviço os outorgantes que em suas casas tiverem boda, baptisado, mortorio ou impedimento de justiça.

Que o que for levantar a veseira levará os utencilios pertencentes á mesma andando de entrega athé que o ultimo os conduza para o poder dos gerentes.

Que o recado da guarda será dado na vespera do dia em que tem de sahir athé ao meio dia, e o que faltar a este preceito guardará mais um dia.

Que o outhorgante que tiver quatro cabeças de gado, querendo, chegando-lhe a roda á porta guardará só sem camarada e poderá fazer na forma do costume.

Que os outhorgantes que só tiverem vaccas vendendo-se o Boi que elle der será applicado para a compra de oitro, e o que faltar será pago por todos na razão de duas cabeças (Vacas) ainda que as não tenha n'aquella occasião e d'ali para sima conforme as vaccas que tiverem, assim como respeito ao preço do Boi; em tempo de inverno será pensado por giro entre todos que

tiverem vaccas um dia ainda que as não tenhão, e tendo mais de duas vaccas pensará conforme as que tiver.

Que os pastores não poderão avezeirar gado que não seja dos outorgantes e quando algum com elle avezeira o expulsarão e quando o contrario façam pagarão seiscentos reis.

Que as vezeiras dos gados cada uma seguirá os seus giros do uzo e costume antigos.

E por todos os referidos outorgantes juntos e por cada um d'elles de per si in solidum foi mais dito que por suas pessoas e bens e terços d'elles se obrigaram a manter firme e valiosa a presente escriptura e a cumprirem tudo quanto n'ella estipolado fica e querião que a mesma surtisse todos os devidos e legaes effeitos na fórma d'ella.

Que o pastor ou pastores que estiverem na guarda do gado no tempo competente não poderão abandonar seus pontos sem serem rendidos e quando alguns estejam a mais do que lhe pertencer vencerão mil e dozentos reis por cada dia que lhes serão pagos pelos infractores que teem de os render.

Independentemente d'esta Escriptura, teem os vezeiros de Rio Caldo um livro, onde estão inscriptos nominalmente os associados. E', por assim dizer, o livro das actas das suas sessões, em que se tomem resoluções dignas de especial registo e livro de receita e despeza.

Abre com este titulo: *Livro dos esclarecimentos da sociedade dos vezeiros para as guardas na serra do Gerez, d'esta freguezia de Rio Caldo*, e em seguida transforma em 25 artigos regulamentares toda a escriptura de contracto, despindo-a das formalidades de linguagem usadas em taes documentos, e pondo-a em termos mais accessiveis ás intelligencias, que com tal instrumento teem de manobrar.

A este regulamento, de recente data (1903), seguem-se muitas assignaturas, bastantes das quaes estão já riscadas e teem adeante a palavra «*Fóra.*»

Isto significa o inexoravel cumprimento da laconica e ineppellavel sentença proferida de harmonia com o artigo 1.º que diz:

«Todo o assignante d'esta suciedade que não cumprir as condições adiante mencionadas será multado e no caso de não querer pagar a multa será lançado fóra d'esta suciedade e perderá todo o direito e pertenços que tiver.»

N'este livro, alem do regulamento, estão já inscriptas as seguintes resoluções posteriores:

«Determinou o acordo que todo o veseiro que tiver gado no geres quer na veseira ou fóra dela é o brigado a guardar até quatro cabeças:

Determinou o a Cordo que todo o veseiro que for guardar um de idade de dezoito annos para baixo e outro da idade de vinte para baixo é Condenado em trezentos reis:

E tambem é Condenado o veseiro que lá esti-

ver a guardar que entrege a veseira a esses homens que não tiver a idade na mesma pena;

E tambem Detriminou u acordo que não poderia ir dois homens guardar sem que ó menos um tivesse gado na vezeira sobe a mesma pena de trezentos reis:

Todo o gado que não for entrege na vezeira a suciedade não será ovregado a entrerarlo.»

Antes de fecharmos as referencias particulares d'esta vezeira, queremos deixar aqui em registo especial a transcripção de dois artigos dos Esclarecimentos já referidos. São os artigos 16.º e 19.º, que dizem respectivamente o seguinte:

«Art. 16.º Qualquer dos pastores que bater com pau ou pedra no gado da veseira pagará a multa de dozentos reis, sendo cem reis para o que disso der parte.»

«Art. 19.º O que faltar ao respeito ou fallar alto no chamado será multado em trezentos reis».

«*Escriptura de contracto e união que fazem os moradores do logar e freguezia de Covide d'este Julgado na forma seguinte:*

Saibam quantos este publico Instrumento de Escriptura de contracto e união, ou como em Direito maior nome tenha, virem que sendo no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus

Christo de 1861, aos 9 dias do mez de Julho do dito anno, no sitio da Eira, Cabana de Pedro José Pires da Silva, proprietario d'este logar e freguezia de Covide, d'este Julgado de Terras de Bouro onde eu Tabelião vim, e ahi perante mim, e testemunhas abaixo nomeadas e no fim assignadas appareceram presentes e authorgantes.....

.....

E por elles referidos autorgantes foi dito e disseram por cada um de per si insolidum na minha presença e das testemunhas que presentes se acham, que para o bom governo e regimen de sua utilidade e querem viver como bons vizinhos, se achavam justos e contratados de fazerem entre si a presente Escriptura de contracto, e união debaixo das condições, clausulas e obrigações seguintes: Primeiramente determinaram que d'entre elles outorgantes e seus futuros successores e herdeiros fosse nomeado e elligido um Juiz ventenario com um substituto para reger e governar e fazer manter os seus antigos usos e costumes e feita que fosse esta nomeação ficariam elles outorgantes sujeitos a comparecerem a todos os seus chamados em quaesquer dias ou horas e local que por elle lhe for designado ou já por avisos de qualquer pessoa de seu mandado, ou por qualquer signal d'um vozio, que por elle lhe for dado, e elles outorgantes moradores se obrigam e sujeitam a comparcerem em qualquer local, que lhe for designado para a mes-

ma Junta a onde ficarão sujeitos a comparecerem dentro do praso de meia hora, menos aquelles que por tal occasião se acharem ausentes, e os que não estiverem ausentes deixando de comparecer ficarão sujeitos a pagar cem reis de multa que será depositada na mão de um depositario, que para isso se nomear, cuja multa será applicada para o que seis homens da mesma Junta destinar, que serão dois dos mais ricos e dois dos mais ordinarios, e outros dois dos mais inferiores teres, cuja nomeação dos seis serão nomeados por elle Juiz, no acto da mesma Junta, e approvados a pluridade de votos.

Que elles authorgantes mais ficarão sujeitos a occorrerem ao que por elle Juiz lhe for destinado no acto da mesma Junta, sobre quaes quer objectos a bem dos povos no que for mais bem adquado e de suas utilidades.

Que tambem nenhuma pessoa dos moradores d'este logar cortem urzes do rio dos Moinhos para a parte dos mesmos logares até ao Ribeiro de Freixeiro, e menos poderão estorgar e arrancar as canhotas do dito montado e outra qualquer lenha; e da mesma forma pessoa alguma não poderá fazer carvão nos sitios que sempre foi contado aguas vertentes para o dito rio e só o poderão fazer sendo a votos do dito Juiz da Vintena e da maior parte dos vizinhos d'elles autorgantes.

Que no monte de Cerdeiras e em todo o monte coutado não poderão cortar arvores algumas pelo

pé, só sim para paus de prestimo que se entenderá para obra e para lenha somente se poderá cortar por cima cada um a que lhe for precisa; n'estes citios acima indicados nunca poderão ser queimados só sim cortados a fouce por elles autorgantes nos tempos que por elle Juiz e seis homens do Governo lhe for destinado.

Em toda e qualquer pessoa d'esta freguezia que se provar ter lançado fogo nos montados acima indicados ficará sujeito a pena criminal e alem d'esta pena pagará uma multa de quatro mil reis, que entrará no deposito conforme acima declarado fica.

Que se não poderão deitar gados a pastar nas Veigas senão cada um nas suas propriedades e o mesmo se praticará nos Outeiros e montes que se acham dentro das propridades das mesmas Veigas e só o poderão fazer quando andarem a trabalhar nas mesmas terras botando-os prezos aos mesmos Outeiros.

Que o mesmo Juiz da Ventena, com os mesmos moradores autorgantes fará pôr promptos os caminhos e cancellas das Veigas no tempo das sementeiras, fazendo guardar á roda como sempre fora costume da visinhança nos seus districtos.

Que no tempo das sementeiras do centeio d'este logar e de quaesquer outros fructos e sementeira do Maio, ficarão obrigados a guardar e tapar os seus portellos, por onde se servem

cada um nas suas testadas, e que acabadas as sementeiras do centeio poderão elles autorgantes cerrar os seus carreiros e feitas as sementeiras do centeio ficará o prazo de oito dias, para conducção dos estrumes das terras que ficam de temporão, matos e lenhas pelos mesmos carreiros, e passado este tempo não poderão passar pelos ditos carreiros depois de semeados, só se o tempo o não permittir por causa do inverno. Todo aquelle que deixar terra de temporão no meio das veigas, levará o estrume antes que qualquer outrem semie.

Que emquanto aos regos da veiga e seus caminhos da mesma e outros mais fóra d'ella, ficarão elles autorgantes e seus vindouros sujeitos a observar o que se deliberar em acta de Junta pelo Juiz vintenario e seis homens da sua escolha. E com quanto ás segadas será pósta pelo Juiz e seis homens, e posta segarão n'um dia e lavrarão no seguinte e não poderão levar gado sorto á Veiga, emquanto lá ouver fructos a recolher; e qualquer d'elles autorgantes que contravir esta clauzula por avuzo, n'esse caso pagará uma multa de quinhentos reis por cada futura contravenção, que entrará no deposito acima dito.

Que pela mesma forma e debaixo da dita pena no tempo de segada ninguem poderá hir com carro voscar senteio ás Veigas.

Que nenhum morador desde o primeiro de Maio athé ao dia de São João, não poderá levar

a Rés e gado de toda a qualidade ao monte de Lamas, só sim a Rés da Veseira de Fijaco poderá ir do caminho das Caldas para sima, e fazendo o contrario incorrerá na mesma multa, salvo á Rés da Veseira da carreira estando o tempo muito rigoroso de Inverno, a levará para a costa da Ponte, e não passará o caminho do porto do Freixo para sima e encorrendo na mesma pena, se o contrario fizer. Finda a sementeira do Maio se porá a vezeira do Gado no Castello athé o S. João, e não poderão levar gado a Lamas desde o principio de Maio athé o S. João, e do contrario incorrerão na mesma pena de quinhentos reis se o contrario fizer.

Que o Juiz da Vintena com os seis homens nomeados mandarão correr o monte de Lamas a roda para fazer retirar os Gados miudos e grandes que no mesmo se achar por todo o tempo de verão athé o São Miguel, e qualquer dos autorgantes, e qualquer outros que for nomeado, e assim o não cumprir incorrerá nas penas asima declaradas.

Que a vezeira do gado na serra seguirá o giro do antigo costume já estipulado na Escriptura de vinte e tres de Junho d'1802 = debaixo das condições e clauzulas na mesma exaradas, cuja Escr.ª por este Instrumento aretificão em toda a sua extenção, que querem se cumpre, e sempre valha do milhor modo que em Direito possa. =

Que nenhum d'elles autorgantes, nem pessoas

e suas familias, ou quaesquer outras d'este lugar poderão lavar roupas no Ribeiro de riba, poça de S.ta Luiza, e fonte de Fijaco em nenhum tempo futuro, e do contrario quando assim o não cumprão incorrerão na multa de mil reis, que será paga na fórma que dito fica, e aplicação dita:

Que qualquer dos moradores d'este logar da Igreja, Sá, e Barzias, que aqui não entrarão n'esta Escriptura de união, e a futuro quizer entrar o poderá fazer por nova Escr.a sujeitando-se ao estipulado, e assim disso ficará obrigado a meter no deposito a quantia de seis mil reis, e não cumprindo assim tambem não valerá esta condição.

Que mais condecionavão entre si elles autorgantes, que em tal caso que ao futuro possa haver qualquer prejuizo em seus gados graudos por queda, ou comida do Lobo ficarão obrigados um por todos, e todos por hum aresarcir a perca a quem a tiver por metade do seu valor a saber, sendo touro tres mil reis, e sendo Baca de trabalho, ou Boi seis mil reis.

Que mais elles autorgantes ficarão sujeitos a estarem por tudo o mais que for deliverado pelo Juiz da Vintena, e seis homens da sua escolha sobre qualquer objecto, que n'esta Escr.a estipulado não fique, e que se, porventura qualquer Juiz Vintenario deixe de cumprir o que for dos seus deveres, e por tal motivo possa causar alguns prejuizos n'esse caso ficará sujeito aresarcir

qualquer perda, ou damnos a quem ó tiver d'elles autorgantes, isto hé se assim for justo por Lei.

E declararão mais que os mesmos Juizes ficarão obrigados a servir a roda pelo tempo de hum anno, cujo será nomeado a votos d'elles autorgantes que tiver maior numero, e o mesmo estillo se seguirá emquanto aos Juizes substitutos, e estarem pelo estipulado dicerão se obrigavão por suas pessoas, e todos os seus bens presentes, e futuros, e terços de suas almas, e de como o dicerão dou fé. E achando-se n'este acto presente João José Alves, e mulher Joaquina Alves do logar de Sá, d'esta freguezia, que reconheço pelos proprios dicerão, que tambem se obrigavam a estar pelo estipulado n'esta Escr.ª com a condição de nunca em tempo algum poder ser nomeado para Juiz por motivos, que lhe não convem declarar, condição, e clauzula esta, que aceitarão os autorgantes primeiro nomeados.

Huns e outros assim o dicerão, quizerão, cederão, autorgarão, aceitarão de parte a parte rogando a mim Tabelião, que esta lhe fizesse, e aceitas-se a qual assim lhe fiz, estipulei, e aceitei em nome das partes presentes, e ausentes a quem possa pertencer, sendo testemunhas presentes Antonio Joaquim Pereira do Lago, casado meu escripturario a quem os autorgantes rogarão, que a seus rogos assignasse, por dizerem de que dou fé não sabião escrever, o qual a seos rogos assignou, sendo mais Manoel José de Araujo e

Silva inminoribus do logar da Parada de Bouro, freguezia do mesmo nome, do Julgado de Vieira, e José Joaquim Antunes inminoribus do logar e freguezia de Friande do Julgado e Comarca da Povoa de Lanhoso, que aqui assignarão com elles autorgantes, e rogado ao depois d'este Instrumento lhes ser lido por mim como de todo o referido dou fé, Manoel Joaquim Pereira do Lago, tabelião que o escrevi e assignei. Declaro que por ingano se mencionou n'esta Escr.ª Maria Pires mulher do Autorgante Antonio José Rodrigues, por quanto a dita Maria Pires não compareceo por se achar imposebilitada de parto, e por isso assim o declaro e assignarão elles sobre ditos autorgantes, e testemunhas lida esta por mim sobre dito Tabelião, que escrevi e assignei. E declararão elles autorgantes, que emquanto ao Juiz da Vintena servirá aroda, e não será feito a votos, e de como assim o dicerão e declararão dou fé, e vão assignar elles autorgantes, e rogado com as testemunhas ao depois de tudo lhe ser lido por mim sobre dito Tabelião, que escrevi e assignei.»

«*Clausulas extrahidas da escriptura de contracto e união (junta ou acordo) do povo de Villarinho.*

Primeiramente disseram que todo aquelle morador que tivesse um bezerro e uma junta de

bois ou toura, será obrigado a guardar a bezeira nos dias que lhe pertencer e aquelle que não tiver bois ou touros não será obrigado a fazer guarda alguma só sim depois que os tiver.

Que aquelle que só tiver uma Junta de bois de trabalho fará a guarda de uma vez sim e de outra não e não cumprindo assim ficará de fóra da bezeira e não poderá entrar com o seu gado para a mesma sem pagar aquantia de dois mil reis para despezas d'este logar.

Que todo aquelle a quem pertencer a guarda da bezeira não se entregará a outro serviço senão a guardar a dita vezeira e faltando a isto pagará a quantia de 400 reis.

Que todo aquelle que não for para as bezeiras no dia que lhe pertencer pagará 800 por cada vez.

Que a vezeira das vaccas será conforme o costume que se observa n'este logar e todo aquelle que não conduzir as vaccas do logar para o Monte e conduzil-as d'aqui á noite para o logar pagará por cada vez que assim o não fizer a quantia de 400 reis entende-se que aqui se inclue a bezeira das vaccas da serra, para esta guardada e vigiada na forma do costume.

Que ninguem poderá trazer gado a pastar na Veiga ás soltas só sendo no que é seu e fazendo o contrario pagará pela primeira vez 1000 reis e pela segunda dobrado.

Que todas as aguas de lima e rega e vertentes e enchurros tudo seguirá o costume antigo.

Que o Juiz de ventena d'este logar será senhor de pôr os dias da segada do centeio das vindimas e milho serodio attendendo sempre ao costume antigo e sem quê se ponha dia para isto ninguem o podera fazer salvo sendo em parte onde tenha caminho por terra sua.

Que ninguem poderá abrir caminho das Veigas sem chegar o dia de S. Miguel de cada anno.

Que ninguem poderá arrendar casa a pessoa de fóra do logar e o que fizer o contrario pagara 6:000 reis.

Que nas Juntas que se fizerem no logar assistirão sempre todas as cabeças de casaes e sendo viuvas o filho mais velho.

Que todas as duvidas que se suscitarem e possam haver n'este logar com as aguas ou outra cousa serão decedidas por seis homens escolhidos a votos.

Que nas Juntas que se fizerem para trabalho do logar serão todos obrigados a comparecer e a trabalhar o que poder e para si não.

Que auctorisam o Juiz de Ventena para poder impor as penas e multas que lhe parecer justas além das que ficam declaradas e tudo isto será applicado para despezas d'este logar e todo aquelle que não pagar por bem poderá ser obrigado judicialmente.

Que todo aquelle Juiz de Ventena que não cumprir com os seus deveres no que lhe for requerido, pagará a quantia de 2000 reis applicado

para o logar, que todas as dictas condenações no caso de as haver serão impostas e recebidas todos os mezes.»

São curiosas as assembleias de todos os povos serranos, as quaes se reunem ao ar livre. Alli, sob o grande tecto commum, todos se conservam de cabeça coberta, como affirmando a sua egualdade de direitos. A um lado o *juiz;* mais longe os *homens do accordo* ou *da falla;* á parte a massa dos representantes da vezeira ou os cabeças de casal da freguezia. Perto do juiz o *procurador.*

— *Chame á roda*, ordena o juiz, e o procurador faz a chamada; aos que não estão presentes applica-se a multa.

— F... você este anno *deu* este ou aquelle *erro. Que allega?*

Então o que tem *condemna* avança e de chapeu na mão, em homenagem á auctoridade perante quem comparece, justifica-se:

— Eu, sr. juiz...

Os do accordo escutam e, deliberando, dizem depois ao juiz «*condemne*» ou «*não condemne*».

Todos discutem. Ha a mais ampla liberdade para isso e todos a teem completa para se justificarem.

No campo livre perdem-se os echos da mais acalorada discussão, que ás vezes toma as proporções de verdadeira lucta.

As suas eleições fazem-se por votos expressos verbalmente, alto e bom som. A maioria de votos sancciona as deliberações tomadas.

A magica das urnas com todos os subterfugios a que se presta, não tem alli seu cabimento. São organisações verdadeiramente democraticas.

Em Covide e em S. João do Campo são hoje os regedores que presidem ás reuniões que se realisam e os avisos são feitos por cabos de policia; alli, como em outras freguezias, são ellas mais ou menos longamente espaçadas, mas não succede o mesmo com Villarinho. Aqui as juntas funccionam todas as sextas feiras; a ellas devem comparecer todos os cabeças de casal e no seu impedimento serão substituidos pelas mulheres; se o cabeça de casal fôr viuva, mandará o filho varão mais velho, se tiver mais de 12 annos, e se o não tiver, irá ella mesma. As mulheres que por direito assistirem ás juntas, teem n'ellas voto em todas as deliberações.

Em todos os regulamentos resalta evidente o principio de communidade. O cooperativismo, as associações e os syndicatos agricolas e todas as creações modernas em que se applica á agricultura o principio de associação teem sem duvida nenhuma um ancestral respeitavel nas montanhas do Gerez.

Muitos outros usos eram e são ainda alguns regidos por especial regulamentação, como a caça aos lobos, os lagares communs das freguezias, a

distribuição das aguas pelas veigas, etc. e em partes conservam-se ainda habitos que bem denotam a influencia da passagem dos romanos e em que se manteem tradições que transportam ás alturas do Gerez os espectaculos dos circos de Nero. [1]

Para o aproveitamento das pastagens da serra o seu grande regenerador era e é ainda o fogo. De annos a annos queimava-se o monte e ainda agora se queima na parte não pertencente ao Estado. Por este meio afugentava-se o lobo e outros animaes damninhos e obtinham-se renovos muito appetecidos dos gados.

Claro que toda a vegetação se aniquilava por tal processo e as encostas se desnudavam por completo, indo com o tempo até á negação de toda a vida vegetal, tornando-se escalvadas e aridas.

Por outro lado, a fauna tambem se reduzia. As proprias aves, hoje ainda poucas, eram quasi nenhumas. Nem ellas aqui se podiam demorar e a não ser alguma ave selvagem, acommodada triumphantemente nas inacessiveis e elevadas brenhas onde o mesmo fogo não chegava, tudo

---

[1] Para melhor apreciação do *Regimen Pastoril dos Povos da Serra do Gerez*, póde vêr-se o estudo que sob este desenvolvimento fizemos nos Fasciculos 3 e 4 do Tomo II da *Portugalia* (Porto 1907 e 1908).

o mais desapparecia, afugentado pelos incendios certos, os quaes, destruindo toda a vida vegetal, tornava ao mesmo tempo quasi impossivel o viver dos animaes.

Agora, graças á efficaz protecção do regimen florestal, a que grande parte da serra foi sujeita, toda a vida se desenvolve desafogadamente, não sendo raro já deter-se o espirito agradavelmente impressionado ao som de diversos e agradaveis cantares, por aves que alegremente saltam pela ramaria, bem como as encostas e eminencias, antes desoladamente núas, ostentam agora as primicias de uma vegetação lenhosa, que promette ser rica e imponente.

Pertencem hoje os povos do Gerez ao concelho de Terras de Bouro e pertenciam antes ao concelho da Ribeira de Soás, o qual tinha Juiz ordinario com dois Vereadores e Procurador do concelho por pelouro de eleição triennal do povo, a que presidia o Corregedor de Guimarães. O juiz, no dia em que tomava a vara, dava aos seus amigos um bom jantar, a que chamavam *Bródeo Cabrita*, talvez por ser de cabrito, que no Gerez é especial, o seu prato forte, e os dois almotaceis egualmente davam outro jantar, mas de menos custo. [1]

Não era só para o regimen pastoril e para re-

[1] P.e Carvalho Costa — *Corographia Portugueza.*

gulamentação de outros usos agricolas e mesmo sociaes que nas povoações da serra se praticava o communismo, como meio de melhor realisarem todos os interesses que se prendessem com a vida collectiva.

Nem só dos bens materiaes e da terra elles cuidavam entre todos por cada um e cada um por todos: egualmente procediam e usam ainda para tratar dos bens da alma.

Assim, reunem-se tambem para rezar, organisando *rezadas*.

No Villar da Veiga, por exemplo, no dia 20 de Janeiro de cada anno, sem ser preciso aviso ou convocação, porque o dia e o costume o marcam, reune-se o povo da freguezia em um logar já certo, ao ar livre, a fim de fazerem uma rezada ao Martyr S. Sebastião.

Todos, homens, com a cabeça descoberta, mulheres e menores, das diversas casas da freguezia e das povoações visinhas que a ella pertencem, se dispõem, uns sentados, outros de pé, sendo a hora da reunião annunciada por um repique no sino da egreja.

A presidencia para o acto faz-se por escala, já antiga, entre os homens casados, seguindo-se annualmente a ordem chronologica dos casamentos, para assim servirem á roda todos os casados. Este presidente, ou mordomo, reunidos todos, toma então a palavra e pelo rol que tem, diz: «F... é obrigado a rezar ao Martyr S. Sebastião

um Padre Nosso», dizendo antes o presidente: «Em louvor do Martyr S. Sebastião...»

Se succede da mesma casa haver mais do que uma pessoa (marido, mulher, filho, creado), quatro, por exemplo, o nomeado, ao levantar-se, diz: «Estamos quatro». Então o presidente repete: «Em louvor do Martyr S. Sebastião, quatro Padre-Nossos» e as quatro pessoas ajoelham, rezando-se quatro padre-nossos.

E assim successivamente, até terminar a rezada.

O dia considera-se santificado até que ella finde, não trabalhando ninguem senão depois d'isso.

V

Lendas diversas e tradições religiosas

A' serra do Gerez e ás suas thermas anda intimamente ligada a lenda religiosa da vida martyrisada e mystica, aventureira e heroica, da Virgem Santa Eufemia, uma de nove filhas de um só ventre geradas.

Imperando Adriano (10 de Agosto do anno de Christo de 117 a 12 e junho de 138) governava a provincia de Entre Douro e Minho e reino da Galliza Lucio Caio Atilio, casado com Calcia, de Braga, séde official do governo, sendo ao tempo a egreja catholica governada pelo papa S. Telesforo e a diocese de Braga pelo bispo Santo Ovidio.

Mandado Caio Atilio em serviço a Hespanha, achava-se em Saragoça demorado por alguns mezes, quando em Braga, no anno 120, sua mulher, que ficara gravida, dava á luz nove filhos.

Calcia, impressionada com o caso e receosa de

que seu marido julgasse mal de um tal parto, mandou por sua creada de nome Cita, lançar ao rio Beste as creanças recem-nascidas; aquella porém, alma bôa, cheia das melhores virtudes e crenças christãs, foi entregal-as ao arcebispo, que por sua voz as tomou, confiando-as aos cuidados de amas egualmente christãs.

Creadas e educadas n'esta fé, n'ella se arreigaram suas crenças até que um dia o regulo, que era seu pae, o que elle ignorava, as mandou chamar, inquirindo directamente de sua filiação e tendencias religiosas.

Informado de que eram suas filhas e eram christãs, confessada a falta por sua mulher, foram recolhidas a um quarto do palacio para reconsiderarem e optarem no dia seguinte pela religião que seguiam ou pelas divindades pagãs.

Firmes na sua fé, tiveram de noite a inspiração de um anjo, que as aconselhou a fugirem, o que fizeram, tomando Santa Eufemia o caminho das serranias do Gerez pela geira romana, até á cidade de Obobriga na vertente gallega da Portella do Homem, no local pouco mais ou menos onde hoje está Villameã, no Valle de Rio Caldo (Galliza).

A localisação d'esta Obobriga foi por differentes auctores collocada em pontos varios, sendo porém acceite como mais certa a que indicada fica e que Plinio situava no Gerez, como sendo uma das mais importantes da chancellaria de Braga.

Como quer que fosse, por aquellas penedias a Santa se demorou fugida ao bulicio do mundo e ás perseguições dos seus inimigos, vivendo de esmolas dos pastores e de algumas almas caridosas, até que, dando-se perseguições em Obobriga aos christãos, ella se lhes veio juntar para os incitar á lucta pela fé e compartilhar a sorte commum.

Antes fôra creada de um lavrador, que lhe incumbiu como principal mister a guarda dos pardaes de sua seara; mas tal era o poder da Santa que, retirando-se para outras occupações, as aves não transgrediam suas ordens e nem mesmo se approximavam das sementeiras.

Entrando na cidade, é presa e martyrisada e como se conserve inabalavel, é levada ao alto da montanha e de lá precipitada no abysmo que inferior lhe fica. Segundo uns, anjos vieram, que suspenderam o corpo da virgem, que ficou de todo intacto; segundo outros, a lage onde cahiu, milagrosamente se amolgou, «administrando á Santa uma concavidade correspondente do seu penetrativo individuo».

Enfurecidos com isto os seus algozes, cortam-lhe a cabeça a fio de espada, o que teve logar no anno 140, a 13 de Abril, imperando Antonino Pio.

Ainda hoje se conhece na vertente gallega da serra, pelo nome de Fraga da Santa, aquella onde a tradição diz ter-se dado o martyrio de Santa Eufemia.

Enterrado o cadaver, conservou-se ignorado seu paradeiro, até que um dia, em 1090, apparecendo á flôr da terra uma mão mostrando um annel valioso, ella foi vista por uma pastora que se apoderou da joia. Mas em má hora o fez, porque se lhe tolheu logo a falla, que só veio a readquirir quando ella propria levou seu pae a repôr no mesmo dedo o annel que lhe havia tirado. Um anjo annunciou então que estava alli o corpo de Santa Eufemia, transladado em seguida para a egreja local e d'alli para a cathedral de Orense, onde ainda hoje se guardam suas reliquias e se mostra aos fieis o formoso annel de amethysta.

Nas serranias do Gerez apenas ficaram para memoria, abertos na rocha dura do granito, os vincos que n'ella deixaram os seus pés e os seus joelhos nús, signaes «como de uma donzella» no dizer de Argote, em penedo onde ainda hoje a veneração dos fieis vae prestrar as homenagens da sua crença e da sua fé n'aquella que algumas freguezias tomaram por sua padroeira. [1]

---

[1] Notas extrahidas do livro *Caldas do Gerez*, por Ricardo Gorge (Porto 1888); de um livro manuscripto de apontamentos do snr. P.e Sebastião Pires de Freitas, de Covide e de um manuscripto sem indicação de titulo nem de auctor, pertencente ao snr. Manoel Carvalhaes, de Mezão Frio.

Pala lá de Albergaria e Ponte Feia e antes da Portella, em uma pequena chã, ha restos ainda de paredes de modesta construcção, que parece ter sido em tempos uma capella dedicada a S. Miguel.

A' chã se chama o Curral de S. Miguel; curral, por ser aproveitada na reunião de gados em pastoreação; de S. Miguel, pela visinhança da ermida.

Diz-se que «havendo interdicção no reino, os moradores d'aqui construiram uma capella dedicada a S. Miguel em territorio gallego, para ouvirem missa e que, findo o interdicto, a mudaram para aqui. Depois, como este sitio era ermo e remoto, demoliram a capella, levando o Santo para a de Nossa Senhora das Mercês, de Villarinho.

«Parece que este interdicto foi o que teve logar no anno de 1267, reinando D. Affonso 3.º» [1]

O monarcha, abandonando a esposa em França, veio casar-se novamente, tendo viva a primeira mulher. Por este escandalo o excommungou o papa, pondo interdicto ao reino, mas morta a primeira esposa, logo lhe foi legitimado o segundo matrimonio.

«Contasse por antigas tradições que no sobre

---

1 Pinho Leal — *Portugal Antigo e Moderno.*

dito Citio (Monte de Pondras em Cabril) donde hoje se acha esta Capella ouvera hum convento de Religiosos cujos vestigios inda vimos muito claros os quais se conta morrerão todos pella fé na destruição de Espanha, haverá 900 annos pouco mais ou menos em cujo citio ha em algûas occasioens hûa muito suave fragancia. Tambem no mesmo citio nasceo antigamente hûa erva que trazia escripto nas folhas esta letra *Vidi rubum incumbustum* a qual inda hoje se conserva em hûa Rodoma de vidro no rial convento de Osseira Reino de Galiza, de cuja ordem heram os Religiosos que no sobre dito citio, se dis, padeceram martyrio; & como daquella destruição ficaram algûs Religiosos que no tal tempo andavão por fóra do convento se forão retirando para o citio de Pitões, que confina com Galiza adonde se fundou hûa caza da mesma ordem, para donde retiraram algûas couzas que ficaram da quella destruição, entre as quais foi hûa Senhora que inda hoje existe no dito mosteiro de Pitões com invocação da Senhora dos Unios & a mencionada Erva; & naquelle convento se conservaram aquelles Religiosos the o anno da felix aclamação, em cujo tempo se retiraram para o seu filial convento de Osseira, & no dito Citio de Pitões se conservão inda hoje dous Religiosos da dita ordem parochiando na quella freguezia.

«Outras mais cousas prodigiosas constam por tradições, daquelle citio, & tempos, que aqui ca-

lamos por desnecessarias ao nosso intento, & por não sermos molestos aos pios leitores. Cessamos». [1]

«E emquanto valorosamente, triumphantemente, encorajados pela indomavel energia de D. Affonso os nossos invenciveis guerreiros abatiam no alto das fortalezas a meia lua musulmana, emquanto o emir Yussuf-Abu-Jacub esperançosamente se preparava para tornar em realidade as suas ambições tão queridas; emquanto o grandioso poder mauritano ensaiava a rudeza dos primeiros embates para aniquilar e destruir a nossa nacionalidade balbuciante, na obscura aldeia de Pitões, junto á imponente cordilheira do Gerez, a piedade e a crença carinhosamente escondiam e guardavam a veneranda effigie de Nossa Senhora da Assumpção.

«E porque o rancor moiramo tanto cravava as suas garras tigrinas nos adoradores, como nos adorados, nos apostolos da nossa fé, como nos objectos da nossa crença, um homem religioso e convicto tomou cautelosamente e devotamente a imagem da Santa e confiou a sua conservação

---

[1] Dos *Estatutos da Irmandade das Almas*, sita na Capella de N. S. das Neves, da Freguezia de S. Lourenço de Cabril — Anno de 1740. (Manuscripto em poder do Rev.º Abbade da Freguezia).

e a sua guarda ao tronco gigantesco de uma carvalheira secular.

«Alli, occulta á perseguição de todos os maus e ao rancor de todos os perfidos, estava a santa ao abrigo da avalanche demolidora do sarraceno implacavel.

«Alli, n'aquelle ninho, que a natureza construiu, escutando as harmonias da folhagem e a symphonia das cascatas, podiam as hostes aguerridas do poderoso emir passar como um furacão violento e assolador que a imagem permaneceria serena, meiga e doce sob a égide altiva e forte da arvore secular e bemdita.

«O caçador curioso que nas escabrosidades de Pitões aguardar a estrepitosa revoada das perdizes ou a veloz passagem da côrça, terminada a sua faina cynegetica, interrogue a ingenua e bôa gente da pequena aldeia sobre a historia da Senhora, e escutará n'uma phraseologia sincera e rude, os pormenores de toda a lenda.

«Ora das terras de Galliza frequentemente vinham á montanha gereziana diversos fidalgos á caça que tão abundantemente povoava a decantada serra.

«Um dia em que a grande matilha de uns dois fidalgos encarniçadamente perseguia um bello javardo, ao approximar-se do refugio carinhoso da Santa, estacou repentinamente, soltando latidos meigos e supplices. Os fidalgos abandonaram rapidamente a sella dos seus valentes cor-

ceis e postaram-se em oração intima aos pés da imagem milagrosa.

«E dos seus labios em prece sahiu, singello e manso, sincero e puro, o voto d'um templo e a promessa d'um mosteiro que, poucos annos decorridos se levantava com toda a expressão e nota de um culto lealdoso e vehemente.

«Se o meu caçador benigno continuar a prestar ouvidos ao curso da lenda, a sadia e robusta gente de Pitões apontar-lhe-ha as ruinas do velho convento, e escutará que sob as suas abobadas, ora dispersas, levou uma existencia cheia de piedade e bons exemplos S. Gonçalo Cisterense, que os monges, em noite de tempestade e alarmados pelos toques dos sinos, que mãos invisiveis agitavam, foram encontrar sem alento entre montanhas de neve.

«E no percurso do cadaver para o mosteiro, os sinos, sem que ninguem lhes tocasse, faziam echoar pela serra a sua voz sonora e triste, emmudecendo e descançando só depois que a terra abriu e arrecadou no seu regaço gélido o corpo bemaventurado do anachoreta». [1]

Como era natural, o retiro augusto e silencioso, amoravel e encantador da serra do Gerez,

---

[1] *O Seculo* de 14 de Setembro de 1905. (Artigo assignado A. R. — Braga XII-IX-MCMVIII).

longe do mundo e perto dos céus, cheio de attractivos para o idyllio, convidava naturalmente para o socego de amor, que quizesse afogar em plena natureza as effervescencias de uma paixão.

E assim é que a lenda nos tem trazido até hoje a memoria de um caso de amor que aqui veio ter epilogo na Cova do Castelhano, que se diz fôra situada a meio do caminho das Caldas a S. João do Campo.

Mais do que a narrativa, nos dizem claramente os versos do soneto que a memora, deixando advinhar todo o drama em que duas almas se lançaram: uma, rasgando os habitos e quebrando os laços que a prendiam á clausura monastica, em troca de um amor que mais lhe enchera o coração; outra, expiando no viver foragido e errante o crime de ter amado.

Uma lapide que tem a data de 1844 e se diz ter sido encontrada por uns pastores do Villar da Veiga, commemora este facto e está hoje no Bom Jesus do Monte, para onde foi levada; outros querem que o caso que ella narra se desenrolou n'aquella mesma estancia.

E' o seguinte soneto:

Passageiro! este chão que vês diante,
Na encosta de monte desabrido,
D'um castelhano foi que perseguido,
Aqui se recolheu co'a terna amante.

Quebrantando por elle a fé constante,
Que havia ao esposo terno promettido,
Trocou por ermo agreste e desprovido
Sua cella mimosa e abundante.

A era em que isto foi inda vai perto;
Mas da choça que aos dois prestou abrigo
Nem sequer um calháo se aponta ao certo.

Tudo o tempo varreu, levou comsigo,
E só tradição no livro incerto
Se encontra o caso que eu aqui te digo.

VI

Caldas do Gerez

Se aos restantes povoados que estacionam na serra do Gerez é difficil fixar as suas origens de fundação, outro tanto não succede ás Caldas, cuja povoação, ou aggregado de casas com habitação permanente, formada por individuos de residencia fixa, é de data muito recente.

A passagem dos romanos pelas thermas, por cuja serra elles aliás deixaram tantos rastros, ainda hoje e para muitos annos perduraveis, não era certificada por nenhuma prova, elles que tanto apreciavam a balneotherapia e que raro deixavam de vincular a sua estada a alguma obra, que documentasse para vindouros a sua presença. Nem uma construcção, um marco, ou uma simples legenda.

Porém em 1897, ao abrirem-se as excavações para os alicerces dos existentes estabelecimentos thermaes junto das nascentes e antigos po-

Ponte Feia (Rio Homem)

CALDAS DO GEREZ (Entrada sul da Avenida)

ços, encontraram-se moedas dos imperadores Gallienus e Constancius, o que prova que os romanos alli estiveram n'aquelle tempo.

Outras moedas na mesma occasião foram encontradas dos nossos D. Affonso III ou IV, D. João I, D. Duarte, D. Affonso V e D. João II, o que indica tambem que as aguas do Gerez foram aproveitadas nos seculos XIII, XIV e XV; porém, memoria ou noticia escripta se não encontra, que alcance para lá de 1726, em que apparece a primeira referencia, que lhes é feita pelo Dr. Francisco da Fonseca Henriques, medico de D. João V, no seu *Aquilegio Medicinal*.

Este mesmo monarcha nove annos mais tarde, em 1735, interessando-se pelas Caldas do Gerez, dotou-as com capella, modestas construcções e outros beneficios, relativamente valiosos para a epocha, e que marcam a primeira *étape* na marcha sempre progressiva em que tem vindo caminhando a estação hydrologica do Gerez, unica no paiz na sua especialisação clinica e das mais notaveis da Europa sob esse mesmo ponto de vista.

E' possivel que, visto as aguas terem sido utilisadas antes de D. João V, como parece que o foram, algumas construcções existissem, mesmo muito modestas, mas, se existiram, desappareceram de todo, para darem logar aos antigos Poços, que o monarcha benemerito resurgidor das thermas, mandou edificar, ao mesmo tempo que

a pequena capella, os principios do projectado hospital, etc.

Tal e qual como succedeu ao levantarem-se os edificios que agora funccionam no sitio onde os anteriores foram e de que nenhum indicio ficou.

Com esta falta e nebulosidade de elementos, não é possivel fixar mesmo a epocha do começo do aproveitamento das aguas como meio therapeutico.

Como em muitos casos, a lenda apossa-se do facto, que por isso mesmo é difficil esclarecer.

Se uns attribuem as virtudes das aguas milagrosas do Gerez aos favores de Santa Eufemia, a martyr que por lá soffreu suas torturas, outros attribuem a sua descoberta ao acaso de seus pastores que por ellas passando, surprehendidos pelo fumo dos vapores, foram apregoar a sua existencia, depois aproveitada em experiencias, que beneficios rapidos consagraram; em um manuscripto antigo encontra-se tambem a versão de que uns salteadores, perseguidos pelas gentes do Villar da Veiga, se refugiaram na serra, abrigados pelos crescidos mattos e seguindo no dia immediato para poente, descobriram do alto o logar de Covide, onde chegados, deram conta do encontro das aguas quentes, a cujo calor se aconchegaram durante a noite.

Foi então que appareceu o cirurgião de Covide, Manoel Ferreira d'Azevedo, a instigar a povoação do Villar a que queimasse o matto e des-

cobrindo-se a realidade das aguas, a indicar aos seus doentes o uso d'ellas, do que não houve de arrepender-se, pelos bons resultados que a cada experiencia se confirmavam.

A data d'esta primeira clinica thermal fal-a coincidir como provavel o sr. Dr. Ricardo Jorge pelo anno de 1699.

A fama foi-se alargando e seguindo-a foi que D. João de Sousa, governardor das armas de Entre Douro e Minho, foi até ao Gerez procurar cura a seus males, mandando tambem abrir caminhos, que mais accessivel o tornassem.

Ainda então nada de commodidades, nem para tratamento, nem para agasalho, a não ser alguma misera barraca sustentada sobre paus firmes na terra e uma ou outra pôça toscamente cavada no solo.

Mas ahi por 1730 recorreram os povos á munificencia e larga generosidade de D. João V, que os attendeu, mandando poucos annos depois construir hospital, casas para banhos, capella, casas para residencia de medico, boticario e capellão e uma ponte sobre o Cavado, promettendo ainda serviço permanente durante a epocha, de medico, pharmacia e egreja.

Não se executou integralmente o plano: o hospital pouco foi além dos alicerces e a ponte, de minguada solidez, abalou ao fim de dois annos arrastada na corrente.

A capella, pobrissima de architectura e resu-

mida de dimensões, é a que ainda existe, menos a sachristia, que foi mudada para o lado opposto ha poucos annos. Tem sobre a porta principal a seguinte inscripção, já meio comida, aberta no granito:

Introibo in domum tuam adorabo ad templum Sanctum tuum.

No soalho estão os tampos de algumas sepulturas dos primeiros habitantes, deixando porém ha bastantes annos de se fazerem alli enterramentos, que só teem logar na séde da freguezia.

Os poços antigos ou antigos tanques, correspondentes a outras tantas nascentes, abrigados por casinholas de feitio especial, não foram todos de construcção d'aquella epocha: apenas os seis primeiros se deverão attribuir a D. João V, como o diz a inscripção collocada ao centro d'elles:

«Estas obras mandou fazer El-Rey
«Nosso Senhor D. João V á custa
«Dos Povos sendo superintendente d'ellas
«O Dr. Gaspar Pimenta d'Avellar,
«Provedor da Camara de Guimarães
«E para se fazer concorreu com muito
«Zelo o Dr. Francisco Pereira da Cruz
«Deputado do Santo officio
«E desembargador da Casa da Supplicação de Lisboa.
«Abril 11 de MCCXXXV

Eram: Pôço Forte, Contra-Forte, Aguas Novas, Figueira, Figado e Bica; vieram depois subsequentes e identicas construcções para aproveitamento de outras nascentes e dos restos das primeiras e eram: Borges, Taboa, Duas Bicas, Santo Antonio e Almas.

A agua do Poço Forte é a de mais elevada temperatura e sobre a padieira da sua entrada existia a legenda que hoje se mantem sobre a rocha da Copa e por onde se afere a confiança que o seu uso inspirava:

ÆGRI SURGUNT SANI (Os doentes saem sãos)

A agua da Bica, a empregada no uso interno, tinha por sobre a nascente uma tabua, onde se lia a seguinte quadra:

> Quando o Rei antes pae chamar-se deve
> He sempre philantropo o magistrado,
> Assim Barroso d'esta fonte a ideia
> Bebeu na fonte do real cuidado (1816).

Na fonte da asnidade é que elle bebeu, o poeta, como diz o sr. Dr. Ricardo Jorge, e na verdade, mal iria ás thermas, se do enthusiasmo por ellas não nascessem senão consagrações como aquella.

As casas para moradia do medico, do boticario e do capellão foram construidas em um só grupo, todas com varanda de pedra e entradas independentes; de todas ellas tomou posse o pri-

meiro capellão, P.e Custodio Antunes de Araujo, de Villar da Veiga.

Com bem pouco louvavel espirito religioso e nenhum respeito pela propriedade alheia, foi-se o capellão assenhoreando do predio, que começou a considerar como cousa sua definitiva, sem que alguma fiscalisação superior o impedisse; porém mais tarde, em um rebate de consciencia, requereu de D. José que lhe fosse validada aquella posse, o que obteve por diploma regio de 30 de Maio de 1759, com obrigação de construir novas casas para o mesmo fim, ao que deu cumprimento, mas de uma maneira que deixou muito a desejar, lucrando sempre elle com a troca.

Estas casas ultimas existiram no local onde hoje estão a pharmacia e edificios annexos.

Os ordenados annuaes para o serviço obrigatorio da epocha thermal, que estava fixada do dia de S. João ao dia de S. Miguel, eram de 150$000 reis para o medico, 80$000 reis para o boticario e outros oitenta para o capellão.

Os primeiros medicos de nomeação regia foram Adriano José de Sousa, natural da freguezia do Rosario, de Louredo, concelho da Ribeira de Soás, nomeado por D. João V em 21 de Dezembro de 1745; Francisco Alves, natural da Galliza, por provisão assignada pelo Principe Regente em 22 de Julho de 1802; Dr. José dos Santos Dias, medico pela universidade de Coimbra, natural do logar do Cortiço, concelho de Montalegre, por

provisão de 25 de Setembro de 1811, assignada pelo Principe Regente.

Findam aqui os clinicos de nomeação, que começaram a ser substituidos por *cirurgiões* locaes, Bernardo de Brito, de Louroza, que veio depois de 1817, e Francisco da Costa e Silva, de Terras de Bouro, que lhe succedeu. [1]

Em 1884 exercia a clinica thermal do Gerez o Dr. Alvaro Vieira, medico do concelho alli em commissão.

Os capellães de nomeação foram: P.e Custodio Antunes d'Araujo, de Villar da Veiga, ao qual se seguiu outro cujo nome se ignora; o P.e Bernardes Antonio Ribeiro, em 1817 e por ultimo o P.e Antonio Joaquim da Rocha, nomeado por D. Maria II, e que falleceu no inverno de 1904-905.

Pharmaceutico e pharmacia nunca houve na phase da primeira vida do Gerez. [1]

---

[1] No Minho existe ainda o curandeiro, a que se adjudica o titulo pomposo de *cirurgião*, exercendo clinica rural, muito procurado pelos povos, que preferem o seu recipe a qualquer outro.

[2] Todos os elementos que constituem a ultima parte das anteriores referencias foram colhidos em um trabalho manuscripto do snr. P.e Sebastião P. de Freitas, que os tomou de outro manuscripto do Dr. José dos Santos Dias, medico no Gerez de 1811 a 1817. A este ultimo se refere o snr. Dr. Ricardo Jorge, como

A nomeada sempre crescente do Gerez, que acarretava cada anno novos frequentadores, era de molde a estimular o desenvolvimento da estancia thermal, onde começavam a desenhar-se nitidamente as bases de uma riqueza de interesses materiaes e beneficios que era preciso não desperdiçar.

As primeiras edificações em que um ou outro mais aventuroso dos modestissimos lavradores das visinhanças ia arriscar resumidos capitaes eram insufficientes e sem nenhum conforto. Não havia hospedagem regular; o doente alugava um quarto e manipulava por sua conta os alimentos, offerecendo as lareiras o pittoresco aspecto de baterias assestadas ao tecto com as numerosas panellas, que se enfileiravam fumegantes.

A mobilia reduzia-se a uma ou outra cama, poucas cadeiras, e alguma meza; nos baixos do edificio a indispensavel córte commum, onde se albergavam o porco e os equinos.

O aluguer diario variava entre 120 e 240 reis.

Nenhuma iniciativa particular ou official se

---

constando-lhe a sua existencia, sem todavia ter podido obtel-o. São pois indicações completamente ineditas. O manuscripto do Dr. José dos Santos Dias houve-o o snr. P.e Freitas por emprestimo do Rev.o José dos Santos Moura, fallecido Arcipreste de Amares — Abbade de Caires, que era parente do mesmo medico.

aventurava em arrancar o Gerez ao seu modo de ir vivendo, ou de proclamar mais alto o seu destaque, para que a sua evidencia mais viesse ao conhecimento publico e mais tentasse outras maiores iniciativas.

Com o fim de setembro parava alli todo o movimento; as casas, as aguas e a serra eram abandonadas, ficando á mercê apenas de algum raro pastor ou contrabandista, que de inverno por alli passasse, chegando mesmo os donos a retirar as portas e telhas para logar seguro, para evitar o serem-lhe roubadas na epocha morta.

Todos os generos de consumo eram levados até lá por individuos de fóra. E assim era que ainda ha cêrca de 40 annos no Gerez não ficava ninguem de inverno, mas como o futuro se mostrava garantido, começaram a fixar-se os primeiros moradores que, talhando cultura nos terrenos da serra, se foram demorando em todo o tempo, estabelecendo residencia permanente. — D'estes foram os primeiros Francisco José da Silva (o Botequim) e sua mulher Rosa Maria Martins, esta ainda viva e aquelle fallecido ha poucos mezes, aos quaes outros se seguiram nos annos subsequentes, como o Rigôr, o Banheiro, o Fructuoso, etc.

Em 1884 ficavam já no Gerez em todo o anno umas 13 familias. — Estes são pois os verdadeiros fundadores da povoação das Caldas do Gerez, creando alli o tronco de outras tantas dy-

nastias, hoje já muito acompanhadas por um grande cosmopolitismo de procedencia, trazidas pelos empregados das thermas e ainda mais pelas numerosas gentes que os trabalhos florestaes e outros acarretam annualmente e por varios interesses creados.

De justiça é assignalar que os progressos do Gerez se marcam decisivamente desde que em 1888 o governo submetteu ao regimen florestal uma grande parte da serra e mandava abrir concurso para a exploração das aguas thermaes, com o encargo da construcção de edificios condignos e á altura da importancia e valor das aguas, tão alteadas no conceito de antigos e modernos, como o attestava o *Ægri surgunt sani* do velho Pôço Forte. Constituiu-se uma companhia para este fim, mas por circumstancias diversas nada pôde realisar dos seus encargos de construcções e outros, rescindindo o Estado o contracto e abrindo novo concurso, do qual sahiu em 1896 a actual empreza das aguas do Gerez, que por todos os titulos merece ser tida como benemerita, pelos beneficios realisados em varios melhoramentos, edificios e installações, que tornam o Gerez uma das estações de aguas mais completas do paiz, os quaes começaram a funccionar na epocha de 1899. [1]

---

[1] *Diario do Governo* n.º 167 de Junho de 1889, approvação do contracto de Dezembro de 1888, adjudi-

Mas não bastava que só a fama dos milagres operados em padecimentos, que vinham definitivamente afogar-se nas aguas do Gerez, apregoasse os seus beneficios: era preciso dar commodidades a quem tivesse de recorrer a ellas, que relegassem para bem longe os torturantes supplicios de estacionamento dos doentes n'aquelles miseros e antigos casebres, com o execrando regimen a que tinham implacavelmente de submetter-se.

Assim foi que em 1882 se levantou o primeiro hotel, o Hotel Ribeiro, do seu fundador, o fallecido Antonio Joaquim Martins Ribeiro, abrindo com o exemplo o caminho que foi depois seguido por muitos outros, que dotaram a estancia de fórma a offerecer hoje aos frequentadores mais sete hoteis, além de algumas casas de hospedes. [1]

---

cando as aguas a Paulo Marcellino Dias de Freitas e Ricardo d'Almeida Jorge; *Diario do Governo*, n.º 107, de Maio de 1896, abertura de concurso para nova adjudicação das aguas; Novembro de 1897, regulamento provisorio; *Diario do Governo*, n.º 96, de Abril de 1899, approvação do regulamento definitivo. A actual empreza funcciona sob a denominação de "Empreza das Aguas do Gerez.„

1 Os hoteis que actualmente funccionam no Gerez são, de sul para norte da avenida, os seguintes: do *Parque*, *Ribeiro*, *Santos*, *Universal*, *Anselmo*, *Maia*, *Jardim e Dous Amigos*. Recebem hospedes por preços menores os srs. Antonio J. Eiras, Lino Ribeiro, Serafim Santos e Sebastião Miranda. Ha ainda casas

Veio depois a estrada em ligação de Braga ás Caldas, concluida em 1885, substituir os ingremes e quasi intransitaveis caminhos anteriores, melhoramento notavel, que mais accessivel tornava as nascentes e a serra.

E assim é que tem vindo evidenciando-se e progredindo esta bella e formosa estancia que são as Caldas do Gerez, situadas no districto de Braga, a que se liga por 45 kilometros de uma pittoresca e linda estrada, contorcendo-se em torcicolos de sacca-rolhas a enroscar-se pelos montes, em um valle estreito e fundo da serra, 6 kilometros ao norte de Villar da Veiga, e 12 ao sul da Galliza, da Portella do Homem, collocadas a mais de 400 metros acima do nivel do mar e defendidas pelos contrafortes da Pedra Bella e de Lamas, ambos sobranceiros a ellas cerca de 500 metros, com a entrada de Hespanha guardada pelas portas do alto desfiladeiro de Leonte, que divide quasi a meio a comprida garganta que, vindo da fronteira gallega, vae ser estrangulada ao sul pelo Cavado.

A situação geographica das Caldas do Gerez

---

para alugar, sem compromissos de alimentação, mas com mobilia e roupas, como o chalet do Poço Verde, do sr. Manoel Rodrigues das Almas, o do sr. Diniz Santiago, o do sr. Dr. Pinto Guedes e o Chalet Fernandes, a casa da ponte do sr. Serafim Silva e ainda outras.

Vista geral das Caldas do Gerez (no inverno)

póde avaliar-se muito approximadamente, sabendo-se que a povoação está comprehendida em um triangulo, cujos vertices, Junco, Varejeiro e Lamas, da triangulação geodesica do paiz, teem respectivamente as seguintes altitudes, latitudes e longitudes:

	Altitude	Latitude N	Longitude E
Junco . .	1.169m,41	41° 44' 31",7	0°, 59' 45",3
Varejeiro .	949m,60	41° 43' 16",6	0°, 59' 22",7
Lamas . .	959m,75	41° 44' 8",6	0°, 57' 16",4

Não ha duvida de que a reputação das aguas medicinaes do Gerez tinha na confirmação de seus beneficos resultados o estimulo bastante para a investigação e estudo da sua composição intima e dos agentes que produziam a sua influencia therapeutica.

D'ahi, varios trabalhos de pesquisa e analyse, mais minuciosos ou mais superficiaes uns, e mais completos ou de menos escrupulos, outros.

De entre elles sobresahe a analyse feita em 1885 pelo chimico portuense Adolpho de Sousa Reis, que descobrindo e doseando o fluor, em quantidade bastante ponderavel, veio definitivamente caracterisar as aguas do Gerez, como altamente fluoretadas, attribuindo-se na maxima parte a esta circumstancia a sua potencia curativa.

E' a seguinte a analyse de 1 litro da agua da

Bica, que é a que se emprega mais geralmente para uso interno.

Densidade	1,000264
Gazes { Oxygenio	1,cc731
Gazes { Azote	11,189
Residuo secco	0,gr.27657
Silica	0,06163
Silicato de sodio	0,04226
Fluoreto de sodio	0,02288
Sulfato de sodio	0,02781
Chloreto de sodio	0,02270
Bicarbonato de sodio	0,08756
» » potassio	0,01423
» » calcio	0,01252
» » lithio	0,00318
» » magnesio	0,00150
Alumina e oxydo de ferro	0,00011
	0,29638

As altas temperaturas e o quadro analytico supra dão ás aguas medicinaes do Gerez a classificação de *hyperthermaes*, *hyposalinas*, *bicarbonatadas sodicas*, *silicatadas* e *fluoretadas*.

A agua é applicada em bebida e em banhos, apenas, mas em um dos velhos manuscriptos atrás referidos encontra-se a nota, que só n'elle podemos achar, de que o lôdo dos Poços operava maravilhosos effeitos e se applicava aos tumores escrofulosos, aos scirrosos «tanto dos peitos como das mais partes», nas affecções cutaneas, nas fistulas e chagas; applicava-se o lodo no momento de ser colhido sobre as partes atacadas,

pondo-lhe por cima um panno molhado na mesma agua, que se conservava até seccar, renovando-se depois varias vezes o tratamento, sempre precedido de cuidadosas lavagens.

Diz o auctor, que todavia se não pode saber quem seja, por o manuscripto não trazer essa indicação nem a de data, ter visto muitos exemplos de curas feitas assim, *depois de desprezados já os enfermos.*

A thermalidade das aguas é ainda uma caracteristica que muito singularmente as assignala, pela diversissima escala que as temperaturas percorrem, conforme as varias nascentes, indo desde 28 até 48,2 graus centigrados e sendo a caudal diaria das nascentes de 180 metros cubicos.

As principaes indicações clinicas do Gerez são contra as doenças do figado e affecções peculiares das regiões quentes, para a cura interna e para os rheumatismos, para a cura externa, contando-se aos milhares as curas operadas em todos os diversissimos casos que ao Gerez teem recorrido. [1]

---

[1] Para o estudo completo das Aguas Medicinaes do Gerez, sua historia, composição e valor therapeutico devem ler-se os excellentes trabalhos especiaes *O Gerez Thermal* (1888) e *Guia Thermal* (1891) por Ricardo Jorge e *Aguas Thermaes do Gerez* (1901) e *Les Eaux Thermales de Gerez dans le traitement des cirrhoses du foie* (1906) por Augusto Santos Junior, actual director clinico das Thermas do Gerez.

O Gerez é das poucas estancias onde os doentes são sujeitos a um regimen dietetico especial, já muito antigo, que com o tempo se tem vindo modificando e aperfeiçoando bastante, de fórma a ir-se cada vez mais adaptando ás exigencias que a moderna clinica thermal e hydrologica prescreve para as estações de cura.

O rigorismo exaggerado e pouco racional que n'outros tempos se impunha, está em via de cahir de todo, para dar logar, como vae succedendo, a um tratramento melhor orientado.

O Dr. J. A. Marques, medico e publicista illustre que em 1884 fez a sua cura gereziana, insurge-se no seu livro muito interessante e de seguras vistas, pelo bem que soube antever o futuro que se traçava para o Gerez, contra o regimen demasiadamente exclusivista que elle, na sua criteriosa opinião, certo de que ninguem prescreve a um doente do estomago a sardinha de Nantes, nem a salada de lagosta, nem a pimentinha do Brazil ou o pikles, colloca no extremo opposto ao d'estas iguarias, ou do salpicão, das malaguetas e da salada de pepino.

Para se avaliar o quanto tem adeantado o Gerez thermal e porque melhor o não faziamos, transcrevemos aqui parte do livro do Dr. J. A. Marques, por onde, á vista do que elle ainda em 1884 encontrava e descrevia, se podem bem aferir os melhoramentos e os progressos que d'ahi para cá se teem constantemente assigna-

lado, de forma a poder-se bem affirmar que o Gerez tem caminhado vertiginosamente, creando hoteis, edificando casas, construindo estabelecimentos thermaes modelares, etc.

«Não é pois duvidoso que, considerando as Caldas do Gerez pelo lado da tradição popular, sem a intervenção do juizo e das apreciações competentes dos medicos, havia e ha nos factos colhidos na localidade o fundamento sufficiente para uma bôa reputação das aguas. As Caldas são effectivamente as mesmas d'aquella epocha, quasi 36 annos depois; — e não me refiro á constituição physica, visto como é a natureza sempre persistente nas suas obras; — mas no mesmo desleixo, em um egual abandono, ás similhantes impurezas e faltas que o Dr. Rebello de Carvalho pretendeu ingloria e inutilmente corrigir com os termos mais verberantes.

«A ignorancia de mãos dadas com a imprevidencia e a completa ausencia de bom senso, teem deixado subsistir os famosos *poços*, como El-Rei o Senhor D. João V os mandou construir em 1735. Subsistem os casebres, elevados toscamente com as suas cupulas de fórma pyramidal, e aonde o visitante vae encontrar as *piscinas* não menos toscas, — de paredes de fundo aproveitadas nas rochas de granito cortadas meio ao acaso e em que o aceio foi substituido por uma camada de cal, mas sobre a qual passeiam os arachnides e os molluscos tão repugnantes á vista, deleitan-

do-se na espessura da poeira e das impurezas accumuladas nas depressões ou nas fendas, sem jamais terem desafiado a indifferença d'uma vassoura, ainda que actuando com menos esmero.

«Nas barracas feitas a par das primitivas construcções, relativamente acceitaveis, estão estabelecidos os banhos mais modernos, com os seus tanques de pedra apenas picados a picareta, — tanques de um tamanho descommunal, aonde os banhistas pobres podem accumular-se n'um curto numero e a dada hora; tendo a vantagem de não perderem de vista o estado do tempo, pela observação do ceu através das fendas do telhado, e podendo contar com um arejamento conveniente, ou mais do que isso, uma ventilação segura, pelas grandes lacunas que as portas deixam existir sobretudo na parte inferior, junto ao sólo. Aos passeiantes fastiosos que vagueiam nas suas teias, ou caminham lentamente sobrecarregados da sua habitação, junta-se ás vezes algum visitante de mais ruim catadura. E exemplo houve, recentemente, de uma senhora se achar de repente envolvida no pescoço por uma cobra, que tinha cahido do telhado, na propria occasião em que a banhista se deliciava n'aquelle contraste do banho oriental!»

A seguir o auctor diz que não se percebe como em construcções, se se lhes póde chamar assim, de mais recente data, se não tenha olhado á conveniencia de reservar um ou dois banhos para

Um dos Estabelecimentos thermaes

gente mais cuidadosa de si, e que não gosta, ou melhor lhe repugna a conveniencia com o *pediculus capitis* e o *pediculus vestimenti* seu *corporis*, ou com a *pulex irritans* de voraz acomettimento, alli deixados em liberdade pelo banhistas miseraveis.

«De maneira que, todas as afoutezas do banhista de mais algum escrupulo, em questão de aceio corporal, teem de declarar-se vencidas e abandonar o campo, ao encontro fortuito talvez, mas desapontador, d'um d'aquelles, ou de muitas d'aquellas feras no povoado.»

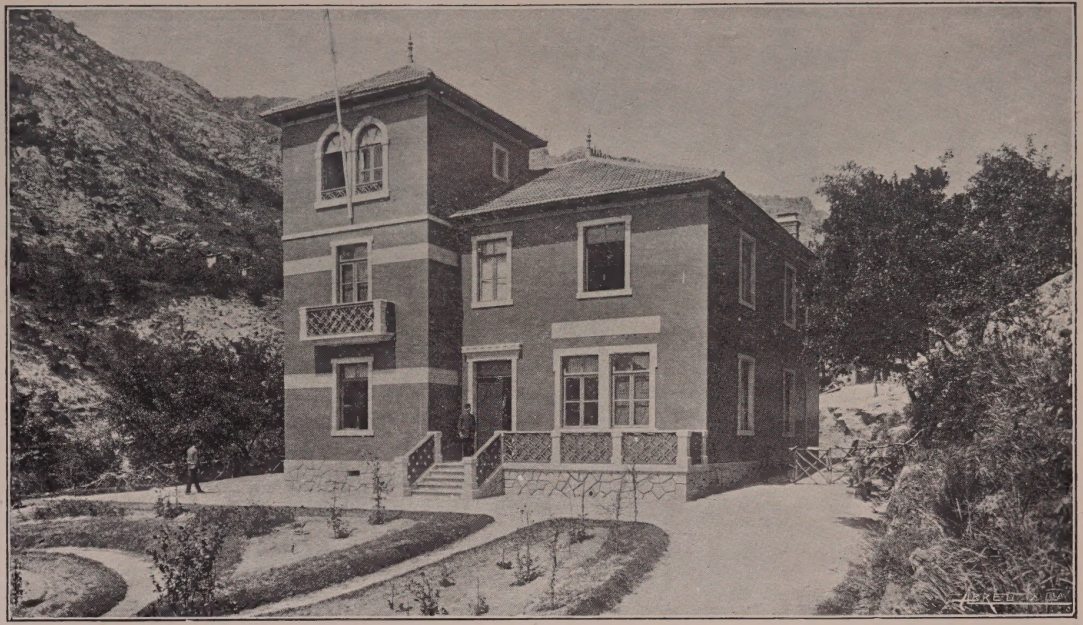
VII

O Gerez florestal

Da incontroversa verdade, firme e indiscutivel, dos beneficios das arborisações florestaes, tem vindo de ha tempos a radicar-se entre nós, de maneira já notavelmente visivel, a crença de que a conservação e a multiplicação da arvore é um problema que bem merece os estudos, as attenções e os trabalhos de todos quantos se interessam pelas prosperidades e pela riqueza do paiz.

Parallelamente á vantagem material, que se traduz nos rendimentos realisados pela venda e pelas variadissimas applicações da massa lenhosa creada, que póde ser apenas de conveniencia restricta e individual de uma ou outra pessoa que a explore, corre o beneficio geral que a arborisação produz em favor e utilidade dos interesses collectivos.

A floresta tem, pois, de ser considerada como



Repartição Florestal

de não menor importancia, sob o duplo ponto de vista do seu papel, como agente creador e modificador do meio e do clima, influindo decisivamente nas temperaturas e no grau de humidade, no regimen das chuvas e na fixação e conservação das correntes de agua das regiões onde se desensolve.

Por outro lado, veiu o seu trabalho como fixador das terras movediças, as areias do littoral e as terras das encostas, e a sua grande aptidão para valorisar terrenos incultos e incapazes de qualquer outra cultura e a transformação operada na esthetica da área arborisada, que se melhora completamente.

Por esta orientação tem sido que o Estado tem persistentemente contribuido para o desenvolvimento das suas mattas e creação de novos perimetros, favorecendo ainda por varias medidas de auxilio, protecção e fomento, a subordinação ao regimen florestal de varias propriedades de particulares e de corporações administrativas. — Entre os perimetros creados pelo Estado conta-se o da Matta do Gerez, talhado todo na serra, em 1888, sendo Ministro das Obras Publicas Emygdio Navarro, perimetro que occupa uma larga superficie, que pelas quebradas e irregularidades da montanha se desdobra em cerca de 10:000 hectares, que ao tempo se encontravam desnudados na maior parte e em outra revestida de uma immensidade de arvores, arbus-

tos e hervagens de especies differentes, que constituem a sua rica e especial flora.

O Gerez florestal antigo era já apreciado com especiaes considerações, a que desde os mais remotos annos teem vindo a prestar homenagem todos quantos a elle se tem referido, naturalistas dos mais distinctos, excursionistas dos mais intelligentes, estudiosos dos de maior curiosidade; porém toda essa corrente era unanime na convergencia de opiniões de que estava alli um patrimonio a salvar, uma riqueza a desenvolver, uma região a restaurar.

Os naturaes, pequenas povoações retiradas do resto do paiz, isolados n'um afastamento inaccessivel, não tinham o espirito educado para a comprehensão e aproveitamento, com superior utilidade, das vantagens que fartamente a natureza lhes collocara alli á mão; incendiavam e destruiam por todos os modos as arvores, os mattos e os pastos da serra, a qual, sempre impenitente e sempre rebelde, protestava cada vez mais, sendo generosamente prodiga em offerecer por cada anno plethoras de vida vegetal a brotar pujantemente de seu seio.

Assim conseguiram triumphar dos tempos alguns importantes massiços, ha 20 annos já sob a salvaguarda do Estado, que desveladamente os protege, ao mesmo passo que promove o revestimento geral, resalvando toda a rebentação espontanea, tratando velhos arvoredos, promoven-

do largas sementeiras e numerosas plantações de essencias nacionaes e exoticas, fazendo seguidos e cuidadosos estudos da adaptação e cultura.

O solo do Gerez, granitico, desaggregado e pouco profundo, e as suas encostas, elevadas e de grandes inclinações, são de natureza a facilitarem o arrastamento de suas terras, cavando profundas ravinas com as enxurradas, as quaes, despenhando-se dos altos, viriam produzir e inutilisação dos valles, mas a arborisação é o melhor dique a oppôr a seus inconvenientes.

A flora da serra caracterisa e separa bem as tres zonas de vegetação em que ella se divide, mais arborisada a inferior, até 1200 metros, com individuos de grande porte em que predomina o carvalho; dominada a segunda por arbustos maiores e a terceira por arbustos rasteiros, sendo os mais altos cumes completamente nús.

Nos massiços de arvoredo indigena abundam com supremacia dominante os carvalhos, e entre elles o alvarinho, brinho por corrupção local, ou carvalho branco *(Quercus pedunculata)*, que occupa de preferencia os valles, as collinas e as ravinas onde não falta a humidade que aprecia, e dá madeira magnifica para construcções, travessas, mobiliario e vasilhame, e o carvalho cerquinho *(Q. Tozza)*; o padreiro *(Acer-pseudo-platanus)*, falso platano, *érable* branco da montanha, arvore robusta, de apreciada madeira, creando notaveis exemplares dispersos em locaes

frescos de altitudes menores; o vidoeiro *(Betula pubescens)*, bom para carroçaria e tamancos; a tramazeira, cornogodinho da região, *(Sorbus aucuparia)*, arvore de grande altitude, em ravinas ligeiras e humidas, de lindos fructos vermelhos, conservando-se em cachos duradouros, ornamental e propria para pequenos utensilios, cabos de chicotes, instrumentos de desenho; o escalheiro *(Cratægus monogina)*; o azareiro *(Prunus lusitanica)*, bonita arvore ornamental; o azevinheiro *(Illex aquifolium)*, de luzentes folhas verdes e vistosas bagas vermelhas; a aveleira *(Coryllus avellana)*; o zangarinho ou sanguinho *(Cornus sanguinea)*, aproveitado na região para a manufactura de cestos; o medronheiro ou ervedeiro *(Arbutus unedo)*, que é verdadeiramente invasor nas altitudes menores e de cuja madeira se diz «que *os leitos d'ella são isentos de sevandijas importunos.*» [1]

Nas Taxineas, o teixo *(Taxus baccata)*, arvore magnifica, de fructos venenosos, de que existem bellos individuos, propria para esculptura e outros usos.

Por sua muita rijeza diziam os antigos servir bem para a construcção de vasos de guerra, como se experimentou na fortaleza do galeão portuguez *Santa Thereza*, que acabou abrazado na

---

[1] *Mappa Breve*, etc. e *Novo Diccionario da Lingua Portugueza*, por Eduardo Faria (1859).

PERIMETRO
FLORESTAL
DO
CEREZ
CONVENÇÕES
TERRENOS PARTICULARES
ESCALA 1:20000
HESPANHA
80.000
85.000
90.000
345.000
340.000
335.000
86.000
Eiras 1218
Colos de Calvos
Chã de Calvos
Corral de S. Miguel
Ponte de S. Miguel
Cabeço de Palheiros
Palheiros
Ponte Feia
Guarda de Albergaria
Curral de Albergaria
Bargiella
Azilheira
Guarda da Bouca da Mó
Ponte de Maceira
Rio de Maceira
Cabeço dos Lavadouros
Borrageiro
Rio Gerez
Caldas do Gerez
Estrada das Caldas a Braga
Guarda da Assureira
Ravina da Serenada
Curral da Lomba
Ravina da Galliana
Ravina da Pedra Bella
Junco
Estrada Real das Caldas para a Preguiça
Curral da Amoreira
Morro do Concelho
Alto da Amoreira
Cabeço do Moderno
Curral do Albedo
Alto do Passaro
Curral do Passaro
Cidadella
Cabeço da Cova da Porca
Altar de Cabrões
Cabreirinha
Carris
Lage dos Cruzes
Bella Ruiva
Lombo do Busso
Curral dos Prados

batalha naval junto ás Dunas entre hespanhoes, a quem estavamos sujeitos, e hollandezes, e que resistiu largamente ás baterias dos hollandezes. Por este motivo o seu commandante D. Lopo de Hozes escreveu ao rei Filippe IV, encarecendo-lhe a rijeza das madeiras do nosso Minho e que *as montanha do Gerez deviam ter-se em grande estimação, pois produziam madeirame mais rijo e precioso que Bampeche, Brazil, India, etc.*

Nas cupressineas, para lá de 1:400 metros, o zimbro *(Juniperus nana)*, ultima vegetação lenhosa, produzindo bagas tão apreciadas para a fabricação das genebras, planta que as neves obrigam a beijar permanentemente a terra, fazendo-lhe rastejar seus braços e não a deixando jamais levantar cabeça.

Na Pedra Bella, a mais de 800 metros e em outros pontos altos, ha bons exemplares de sobreiros *(Quercus suber)*, assim como ha a azinheira *(Quercus ilex)*.

Mais longe ha alguns *Pinus sylvestris*, exemplares sobreviventes por ventura de maiores povoamentos, desapparecidos já pela acção do fogo continuado.

Entre os mattos, a carqueja *(Pterospatum cantabricum)*, que toma grande desenvolvimento em altura e grossura do tronco e ramos e que o gado cavallar da região aprecia quando tenra, como alimento: cortada rente ao solo, são apreciados os rebentos novos; as urzes *(Erica arborea*,

Er. cinerea, *Er. umbellata*, *Er. ciliaris*, *Er. tetralix)*, algumas magnificas para carvoaria e para pequenos utensilios, como boquilhas, cachimbos, etc.; as giestas de flôres brancas *(Cytisus alba)*; a *Genista lusitanica*, habitando só as maiores e mais agrestes altitudes e a *Sarotamnus eriocarpa;* o tojo *(Ulex)* e muitas outras especies.

Em arbustos menores e vegetação inferior, o hypericão *(Hipericum perforatum);* o arando, ou uvas do monte *(Vaccinium myrtillus)*, de saborosas bagas; a *digitalis purpurea;* o fel da terra *(Gentiana centaureum);* a *betonica officinalis* e outras teem larga applicação medicinal; descendo á vegetação herbacea, é infinito o numero de variadissimas especies, que fornecem hervas magnificas para pastagens em verde e aromaticos fenos.

Outras ainda dão lindos exemplares de flôres silvestres, que podem bem causar inveja ás de mais delicada cultura, como sejam formosos lyrios, entre os quaes o *Iris Boissieri*, de que primeiro deu noticia em Portugal o sr. Dr. Julio Henriques, alteando-se galhardamente sobre elevada haste; narcisos, jacinthos, crocus, orchideas, etc., não esquecendo a numerosa variedade de fetos, alguns de recortes e folhagem apreciadissimos.

Ha ainda o morangueiro bravo *(Fragaria vesca)* de saboroso e aromatico fructo.

Não resta pois duvida de que a flora gere-

ziana é imponente e rica e pena é que as contrariedades dos tempos e dos costumes dos povos tenham impedido que ella se mantivesse em todo o seu pleno desenvolvimento e revestimento da serra.

Teriamos aqui um riquissimo trecho de arborisação muitas vezes secular, do qual se encontram amostras do que poderia ser, em superficies ainda povoadas de velhos arvoredos.

Questão seria que a serra se podesse ter constituido em uma grande cerca conventual e que sobre ella pairasse, para conter em respeito o espirito timidamente supersticioso do minhoto, que vae mais do que tudo pelo temor das penas do inferno, a protecção ecclesiatica, que lhe conquistasse especiaes graças dos altos poderes da Egreja.

Assim foi que para o Bussaco se obtiveram concessões especiaes de Roma, interdizendo com pena de excommunhão todo aquelle que sem licença do prior do convento cortasse qualquer arvore na matta. Quanto fica registado refere-se apenas á flora indigena da serra, da qual a flora lenhosa de revestimento espontaneo occupa uma boa parte; ha porém a registar ainda, porque merece especial menção, o quanto de importante se tem conseguido em trabalhos realisados, depois que a serra foi submettida ao regimen florestal, aproveitando a sua rica aptidão silvicola.

O pinheiro bravo *(Pinus maritima)* tem sido

a essencia preferida para o revestimento rapido da serra; o custo pouco elevado da semente, a grande facilidade de adaptação, a modesta exigencia de condições de terreno e o crescimento rapido e facil, além do seu valor como madeira e como modificador do solo, pela grande quantidade de materia organica que deposita, indicam-o como merecedor d'essa preferencia.

A superficie hoje occupada por pinhal semeado é de cerca de 1:000 hectares.

Não menos importante é o valor e numero de arvores plantadas desde 1888, que é de cerca de 280:000.

Entre estas, varias *acacias*, preferindo a *melanoxilon*, e diversos *eucalyptus*, *platanus*, *acer*, *morus*, *fraxinus*, *betula*, *castanea*, *ulmus*, *populus*, *quercus* nacionaes e americanos; entre as coniferas, os três *cedrus* e o *cypressus glauca* (cedro do Bussaco), que vae admiravelmente, e outros; *sequoia gigantea* e *sempervirens;* pseudotsuga-Donglasii e ainda outras: de todas ellas, umas são de exito seguro, podendo esperar-se a sua adaptação difinitiva e outras com esperançosas promessas de acceitarem de bôa mente o meio e restantes condições; os *pinus sylvestris*, *strobus* e *longifolia*, que se desenvolvem muito bem; o *larix europæa*, arvore de altitude que o Gerez recebe.

Exempares sobreviventes de *abies*, plantados nos primeiros annos e violentamente destruidos

Observatorio meteorologico da Matta

na maior parte logo ao começo, alguns dos quaes apresentam notaveis crescimentos annuaes, fazem crêr que, multiplicados pela serra com as indispensaveis condições de abrigo que exigem, n'ella se integrariam, incorporando-se sem reluctancia na flora propagada.

Possue a matta viveiros para creação de exemplares para as suas necessidades culturaes, onde se semeiam e se recreiam plantas diversas: *cryptomeria*, *abies*, *cupressus*, *cedrus*, *ginkgo*, *acacia*, *betula*, *carya*, *eucalyptus*, *fraxinus*, *ulmus*, etc. etc.

Na chã da Pereira, junto do viveiro florestal, funcciona um posto meteorologico, na altitude de 493 metros, onde existem os melhores instrumentos para modestas installações d'esta natureza, como o barometro de Fortin, psychrometro e thermometros diversos de Negretti e Zambra, e os registadores barographo, psychrographo, anemographo e anemoscopio de Steffen e muitos outros ainda.

Tudo leva pois a crêr que, com o andar dos tempos, o Gerez, por motivo das suas mattas, virá a ter uma supremacia e preponderancia regionaes muito acima da indiscutivel superioridade que já hoje vae disfructando; esse dia chegará quando por necessidade impreterivel de valorisar definitivamente os capitaes aqui empregados, o Estado traga até elle a viação rapida que barateie os transportes; as aguas das suas

ravinas aproveitadas, tornar-se-hão as productoras da força que ha de pôr em laboração differentes officinas e illuminando este bello trecho alpestre, vêr-se-ha então a electricidade que a ellas irá buscar as suas energias, ao passo que o automovel vá devorando as distancias pelas encostas, rasgadas por largas estradas e caminhos.

VIII

Fauna gereziana

Parallelamente á flora, as differentes especies animaes que povoavam e povoam a serra do Gerez não offerecem menos curiosidade e interesse, tanto pela sua grande variedade actual, como pelas especies que parece terem n'ella existido, mas de que não ha memoria recente, e outras consideradas extinctas, mas de que ainda ha descripção e noticia de annos proximos.

Em todo o caso, n'esta serra, onde a natureza parece ter creado inacessiveis reductos, encontraram sempre os animaes selvagens de todas as especies, que entre nós procuram no fechado dos mattos e dos arvoredos e nas brenhas pedregosas e fundas das asperas penedias o abrigo e a defeza contra as perseguições dos homens, o mais propicio e ambicionado refugio e todas as condições á sua vida e propagação.

A região isolada, pouco frequentada de caçadores, além dos naturaes, para quem a caça ainda hoje corresponde mais a uma tradição de outras edades e a um exercicio de vida primitiva, do que a um sport de hygiene e dilettantismo, contém ainda agora nas suas antiquadas florestas os altos representantes de numerosas especies que a enriquecem.

Em tempos muito afastados diz-se que no Gerèz se crearam ursos de que o ultimo exemplar visto foi morto em 1650, attribuindo-se o seu total desapparecimento aos fogos dos pastores.

Como era pouco conhecida a serra, em torno d'ella a ignorancia bordava ás vezes as mais disparatadas lendas, que os espiritos credulos acceitavam facilmente sem protesto.

E se no que toca ás arvores e aos fructos, a respeito de alguns se acham nos antigos as mais bizarras descripções, com attribuição das mais extraordinarias virtudes, outro tanto no que se refere aos animaes.

Assim o P.e Nascimento Silveira diz-nos que em 1728 foi achada no Gerez uma fera com o focinho de javali, unhas nas mãos, e pés como de gato; o tamanho de um cão de gado e a pelle malhada de riscas azues e brancas, correndo ao comprido todas por modo de fitas.

Informa Pinho Leal que em 1727 se matou no Gerez um lobo cerval e outro em 1805 na freguezia de Cabril, mas as especies nobres dos ul-

A ultima cabra brava do Gerez

Rebanho de ovelhas e cilha (colmeal)

timos tempos são indiscutivelmente a cabra montez e o corço.

Aquella, que teve em todos os tempos referencias varias á sua existencia, ao seu modo de viver e de se caçar, e as homenagens de quantos teem estudado e tornado publica a serra do Gerez, mereceu em 1856 uma memoria especial do fallecido naturalista Barbosa du Bocage, apresentada á Academia Real das Sciencias.

Só no Gerez existia em Portugal a cabra brava, o que a tornava ainda mais digna das attenções geraes dos estudiosos.

Lá fóra eram conhecidas as cabras selvagens da Asia, dos Pyrineus e dos Alpes e de alguns montes hespanhoes, parecendo a principio que a cabra do Gerez constituia uma especie aparte; porém mais detido estudo e a opinião concordante de naturalistas estrangeiros assignalaram a cabra portugueza como sendo a *capra hispanica* da Andaluzia e Castella.

Antes de Barbosa du Bocage, tinha-a descripto Link que ao tempo em que esteve no Gerez teve um exemplar adquirido pelo seu companheiro, o conde Hoffmansegg; depois d'elle, descreveu minuciosamente o ultimo exemplar visto e morto na serra, o sr. Dr. Ricardo Jorge. [1]

O P.e Carvalho da Costa e Frei Christovão dos

---

[1] *O Seculo*, n.º 9591, de 31 de Agosto de 1908.

Reis limitaram-se a referir-lhe os costumes, dizendo que os machos, quando no cio, investem com furia a gente, que pastam com muita cautela, ficando uns de vigia emquanto outros comem e que aquelles, collocados em altos pontos de observação, e presentindo o inimigo, dão um forte espirro, ao som do qual tudo foge, sendo difficilimo capturar algum, o que, por acaso conseguido, o animal se amúa, morrendo por não comer.

A cabra brava, comquanto isso se não possa certamente affirmar, póde suppor-se comtudo extincta no Gerez e portanto em Portugal.

A ultima vista foi capturada pelo pessoal florestal em 20 de Setembro de 1890, em Albergaria, Rio Homem, sendo remettida á Direcção Geral da Agricultura em 23 do mesmo mez.

No dia em que foi apanhada a cabra, chovia. Em Albergaria trabalhava-se na preparação de terreno para o viveiro. A cabra veio de cima, do Rio do Forno, caminhando socegada, a atravessar a terra cavada. Os trabalhadores, recolhidos da chuva, descobrem-a e um grita: — *lá vae uma cabra !* Todos saem, gritam, cercam-a, chegando um a disparar um tiro, que a não attinge.

A cabra, sobre a terra amollecida, mais se embaraça com os esforços para fugir, sahindo de um sitio para mais se enterrar n'outro, permittindo d'esta forma que os homens lhe deitassem a mão, apanhando assim a ultima cabra brava que foi vista na serra do Gerez.

A crença geral de que o que tinha desapparecido eram, não as cabras, mas os caçadores audaciosos que se aventurassem a procural-as nos difficeis logares que ellas preferiam para seu refugio, originou o anno passado uma excursão venatoria á serra, com o intuito de bater os seus mais asperos logares, porém foram, quanto a este ponto, sem resultado, as diligencias.

Depois da cabra, a corça selvagem, mas esta felizmente, ainda existe em quantidade, se não abundante, pelo menos relativamente numerosa. Na excursão venatoria referida foram mortas seis e vistas mais algumas e todos os annos os naturaes abatem bastantes cabeças.

Pela perseguição que lhe movem, pois o corço é o presente rico com que o serrano retribue os favores de maior importancia, o filho livre de soldado, ou o dinheiro a juro modico, facilmente se chegaria ao seu exterminio, se a Matta do Estado, onde a caça é sempre defeza e só permittida por licenças especiaes, não patrocinasse a sua multiplicação, negando essas licenças dentro do seu perimetro, durante alguns periodos de annos.

E' a unica maneira de garantir a conservação da especie.

Ainda se encontram alguns javalis e raros lobos, muitas rapozas, e texugos, lontras, tourões e outros animaes e alguma caça meuda.

A caça ás cabras, aos corços e a outros ani-

maes era um simples exercicio particular, e de iniciativa livre, porém outro tanto não succedia no respeitante ao lobo.

A caça aos lobos para defeza e protecção dos gados era até ha pouco uma pratica certa e regulamentada, que todos os annos se fazia, havendo sitios marcados na serra onde tinham logar as montarias.

Eram parciaes ou geraes, por conta das freguezias ou dos concelhos.

No Villar da Veiga havia mesmo um *monteiro*, annualmente nomeado pelo regedor, o qual superintendia na organisação das caçadas.

A inicial tinha sempre logar na primeira sexta feira da quaresma, sem ser preciso aviso ou convocação, porque assim estava estabelecido e o dia o marcava; as outras, se necessarias, quando o monteiro as ordenava.

Cada casa da freguezia dava um caçador, aos que faltassem, multas. [1]

Para os lobos além da montaria havia o fôjo, de que se encontravam muitos na serra, perten-

---

[1] Sobre a caça aos lobos podem ver-se os nossos estudos na «*Portugalia*», Tomo 2.º, Fasciculo III, 1908. No livro *Banhos de Caldas e Aguas Mineraes* (1875) descreve com brilho o sr. Ramalho Ortigão uma caçada aos javalis, no Gerez, caçada que classifica de cheia de peripecias e commoções nervosas e a mais incidentada e interessante.

centes ás freguezias; Villarinho teve um, mandado construir por uma senhora de Lisboa, que para si reservara o direito ás pelles dos que lá fossem capturados.

Esta mesma senhora tinha construido tambem na Chã-da Fonte a *casa da neve*, onde se arrecadava neve, que depois lhe era remettida.

Contra cada especie a montaria tem a sua disposição e estrategia proprias para o ataque; a cabra, o corço, o javali e o lobo teem meios diversos de ser caçados, proporcionando variadas sensações, offerecendo multiplicados incidentes, mostrando diversos pittorescos, mas uma pratica é commum em todos elles: á entrada no povoado, se a caçada foi fructifera, ha manifestações de regosijo, entrando juntos os caçadores, que atordoam os ares com descargas successivas.

No principio da monarchia os povos da serra do Gerez davam ao Senhor da Terra as mãos dos ursos mortos, as espaduas dos javalis, e os corazis das cabras e dos corços como tributo dominical de montaria; n'esse tempo se prescrevia já que elles fizessem os arranjos annuaes dos caminhos da serra, como ainda agora praticam no começo do verão, estando tambem a seu cargo a guarda do castello de Bouro e da Portella do Homem.

Os de Covide tinham de morar no castello, guardando a Portella do Homem, levando alli a

madeira e pão, fazendo tambem a carreira de Penedo Abbade até Covide. [1]

Entre as aves de porte, a aguia real; nas especies menores, á perdiz, melros, pardaes e não muitas outras; nos reptis, muitas cobras e viboras e nos insectos, uma grande quantidade.

São tambem ferteis em peixes as aguas do Gerez (bogas, escalhos, enguias) sobresahindo a truta, que é finissima, peixe a respeito do qual o Dr. Francisco da Fonseca Henriques, medico de D. João V, dizia na *Ancora medicinal para conservar a vida com saude* que a melhor fórma de as preparar, é cozel-as em vinagre, comendo-as depois frias com sal e pimenta.

A truta é, como o corço, muito perseguida, pelo grande apreço em que é tida, mas ainda para ella está tambem a égide dos serviços florestaes a protegel-a; por mais do que uma vez em differentes annos, teem sido pelos mesmos serviços lançados aos rios Gerez e Homem e ravinas de aguas fartas e permanentes, grande

---

1 *Portugaliæ monumenta historica*, no volume das Inquirições de D. Affonso 3.º Em Covide, a cerca de kilometro e meio do povoado, no caminho para Bouro, existe um grupo de penedos, ainda hoje conhecido pelo nome de *Castello* e onde ha vestigios de muralhas ou construcção antiga; egualmente existe ainda a *Pedra do Abbade*, a cerca de um kilometro de Covide para Freitas e S. Bento.

quantidade de trutas *irideus* (arco-iris), originarias da California, cujas femeas fazem posturas de 800 a 2:000 ovos, para assegurar o seu povoamento.

As ultimas remessas fornecidas, como as anteriores, pela official Estação Acquicola do Ave (Villa do Conde) foram de Março de 1908 e de Janeiro do anno corrente.

O rio Homem de certo ponto para o alto não tinha peixe, mas em agosto de 1887 o Sr. P.e Pires de Freitas, de Covide, dos mais velhos caçadores do Gerez e o mais apaixonado de seus filhos pelas bellezas da serra, que percorreu e conhece como poucos, lançou para cima da queda d'agua de S. Miguel muitas trutas e outros peixes que em outros pontos capturara vivos, iniciando assim por amor, trabalhos de povoamento, que hoje se estão seguindo por diligencias officiaes.

A truta vulgar, que deposita os ovos em covas que encontre aptas, é de grande fecundidade, podendo a femea em cada postura annual depositar 200 a 2:000 ovos, conforme a edade.

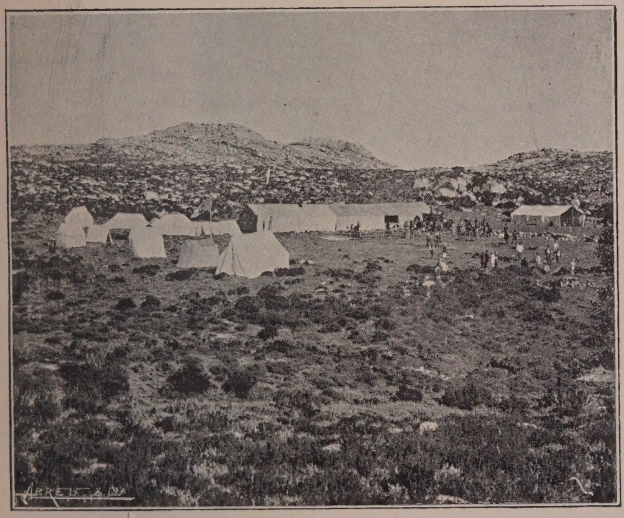
IX

A Serra — Excursionismo — Clima

O Gerez é seguramente uma das regiões de mais pittoresco de Portugal, retalho do Minho, onde o imprevisto se succede a cada momento, dando-nos, ora o bucolismo pacato de verdes e dilatados chãos e planaltos, onde os gados pastam, e a frescura de frondosos e velhos arvoredos e tenues regatos, ora a vista selvagem de altos despenhadeiros e elevadas grimpas, de onde formosissimas cascatas se precipitam na ancia de um suicidio louco e onde não se sabe que mais admirar, se a imponencia do horisonte e das vistas que se disfructam, se a estranha contextura e orographia da serra.

Em torno d'estas montanhas formou-se sempre uma tradição de encantos e riquezas naturaes que as tem vindo acompanhando e se conserva ainda, nos dominios de lendas pouco provaveis umas, e de realidades bem justificadas e bem mantidas outras.

Portico monolithico natural da Borrageira



Acampamento da expedição em 1908 na Chã das Abrotegas

Os antigos diziam-as povoadas de ricos depositos de pedras e mineraes valiosos, desde o ouro ao puro crystal de rocha, o que, se não é abundantemente exacto, é até certo ponto verdadeiro, porque na serra se encontram pedras muito apreciadas pelas suas fórmas e colorações, destacando-se algum formosos crystaes de quartzo e feldspatho e havendo em Pitões o ferro magnetico; se outros elementos dignos de exploração n'ella existirem, como não repugne crêr, ao futuro pertence mostral-os na simples revelação de um acaso ou na propositada pesquiza de qualquer bem indicada probabilidade.

A estructura de formação, a aggregação e disposição das rochas, por cujos cumes as nuvens se espreguiçam muitas vezes e o sol vem beijar logo ao nascer, são de um encanto que captiva e que merecidamente dão ao Gerez um destacante logar na sua apreciação como paisagem alpestre.

E' por isso que o excursionismo de simples dilettantismo e o de intuitos scientificos se tem desenvolvido bastante, trazendo para o Gerez uma corrente de sport, de curiosidade e de investigação importantes.

Não tanto, ainda assim, como seria para desejar, pois lamentavel é que, havendo no paiz um trecho de montanhas, tão digno de percorrer-se, e de se admirar, tanta gente vá lá fóra procurar impressões, encher-se de estranhas paisagens,

surprehender-se em commoções novas, quando aqui á mão se encontram riquezas desconhecidas da mesma natureza.

Não que o Gerez offereça as alturas estonteadoras de outras montanhas, ou as neves permanentes, que vestem de branco as rochas todo o anno, mas porque indubitavelmente, é admiravel todo o conjuncto de predicados que n'elle convergem e o tornam superior em Portugal.

O dizer de Link, tantas vezes repetido, de que os montes do Gerez fazem esquecer pelo seu encanto, as mattas da Allemanha e da Inglaterra e que merecem ser visitados por quantos apreciem as delicias de um bom clima e de uma formosa região, não é uma phrase vã: é o depoimento austero de um observador intelligente e illustre que ha mais de um seculo excursionou em Portugal, levando para o estrangeiro as melhores impressões do paiz, a par de valiosos estudos, que a versão para as linguas ingleza e franceza mais divulgou ainda.

E' pena que ainda se não tenha reunido em Portugal um nucleo de energias para a creação de um club alpino, como ha lá fóra, que se destinasse a percorrer e levar de vencida as nossas serras e a devassar-lhes os mais intimos segredos.

Um bocadinho de decisão e boa vontade, uns sapatos fortes, cardados, pernas defendidas por bôas polainas, fato leve e largo, chapeu molle, de feltro, ou simples bonet com tapanuca, um bom

pau ferrado, e toca á excursão e á escallada; para pernoitar, a tenda de lona, ou simplificando até, como usam alguns pyreneistas, o sacco de Russel, do seu inventor o conde Henrique Russel, de pelle de carneiro com a lã para dentro, uma especie de dedo de luva, grande, onde todo o corpo se mette, e um capuz, tambem de pelle, para resguardar a cabeça, pernoitando-se d'esta fórma sob o tecto de alguma pala protectora.

A excursão na montanha é, sem nenhuma duvida, um dos melhores, se não o melhor, dos exercicios ao ar livre.

Todos os musculos e todas as funcções organicas encontram alli um meio proprio ao seu melhor funccionamento e por outro lado, o grande ar, lavado e purissimo das altitudes, proporciona as delicias imprevistas e desacostumadas para os pulmões gastos na agglomeração e nas viciações dos povoados.

O espirito educa-se na contemplação dos grandes e magestosos panoramas, nos quaes a natureza se desdobra em multiplicadas surprezas.

O *camping* dos inglezes, *le campement*, como dizem os francezes, é um sport que lá fóra, nos Pyrineus e nos Alpes e n'outras montanhas se pratica em larga escala, permittindo, além da gymnastica das grandes subidas e descidas, a permanencia de temporadas nas mais elevadas alturas.

Entre nós, áparte um ou outro raro passeio

ás nossas duas mais importantes serras, a Estrella e o Gerez, realisados com curta demora e sem grande espirito de curiosidade e observação, nada se tem feito para a cultura do sport alpinista e de acampamento ao ar livre nas alturas. Deve exceptuar-se a tentativa, verdadeiramente benemerita, realisada com exito que, por ser o primeiro esforço, se póde considerar brilhante, pela «*Illustração Portugueza*», promovendo uma excursão nacional ás montanhas do Gerez, onde mais de cem pessoas escalaram os pontos mais ásperos da serra e as suas maiores altitudes, dormindo a cerca de 1:500 metros o somno reparador da montanha. Alli estabelecido o acampamento, fazia-se o centro de partida para outras voltas pelos montes circumvisinhos, desenvolvendo-se durante tres dias, 15, 16 e 17 de Setembro de 1908, o plano de uma grande batida venatoria e excursão scientifica e de recreio, que abrangeu o largo perimetro envolvente dos montes de Lamas e Leonte, do Caramello e Palheiros, de Albergaria e Portella e todo aquelle surprehendente valle do Rio Homem, topejado ao fundo pelo alto do Modorno e mais longe pelo da Amoreira, onde a creatura em todo elle, ao levantar os olhos ao ceu, se sente esmagada pela imponencia dos montes de altas arestas a fenderem os ares nos mais phantasticos recortes, até aos Carris, Cabreirinha e Altar de Cabrões, os pontos mais altos da serra, cerca dos

quaes, na extensa planicie das Abrotegas ou Abrotidas, corrupção de abrotea, *(Asphodelus cerasifera)* visinha da da Amoreira, se desenvolveu como em plano de campanha, o largo bivaque da expedição.

Antes d'esta, a unica excursão de nomeada ao Gerez realisou-a nos dias 12, 13, 14 e 15 de Outubro de 1887, a familia real portugueza, D. Luiz I, D. Maria Pia, D. Carlos e D. Amelia, subindo os tres primeiros a Leonte, onde D. Luiz e D. Carlos, com alguns dignitarios de sua comitiva, tomaram parte em uma caçada aos corços, não indo mais longe em nenhum dia, nem se internando mais na serra, como o desejava o guia que havia sido escolhido para dirigir as caçadas e os monarchas, o P.e Sebastião Pires da Freitas, de Covide.

Em 1882 tinham tambem percorrido parte da serra em visita scientifica, sob os auspicios da sociedade de Geographia, os srs. Hermenegildo de Brito Capello e Dr. Leonardo Torres, mas de pouco interesse é a noticia que começou a ser referida nos numeros 6 e 11 do Boletim da mesma sociedade (1889), noticia que não vae além do relato de uma caçada, dormindo uma noite na serra, ao abrigo da pala de Banhado, além dos dois o sr. Diniz Santiago, proprietario do primeiro chalet que se construiu no Gerez, e quatro caçadores que os acompanhavam.

A therapeutica aproveita a montanha, além

das suas applicações ao combate contra a tuberculose, como um meio poderoso da hygiene e de cura em casos varios.

«No ponto de vista physiologico, a hematose é mais larga e profunda; o poder de nutrição é augmentado pelo trabalho maior dos musculos e sobretudo pela automassagem gastro-intestinal, na acção alternativa e synergica do psoas iliaco dos musculos da cintura muscular abdominal e do diaphragma. As eructações são frequentes na subida e na descida, nas quaes os intestinos e o estomago são massados automaticamente pelos musculos citados». [1]

São numerosas e de variados aspectos as excursões que com agrado e sem grande violencia se podem realisar na serra e que bem cabem no tempo entre a manhã e o cahir da tarde.

Pelo Nascente, até á Pedra Bella, que, dominando as Caldas se alteia a 829 metros e de onde se avistam Braga, o Bom Jesus e o Sameiro, a estrada para Chaves, a Cabreira e Barroso, seguindo pelo Varegeiro a 949 metros, atravessa-se o Valle da Teixeira ao Junco e Pé de Salgueiro, escalando ao depois a Borrageira, a 1433 metros de altura, de onde se avista Montalegre; da Borrageira descendo ao Vidoal, do Vidoal a Leonte e de Leonte ao Gerez, é uma bonita excursão.

---

[1] *Physiotherapie* (Bibliotheque de Therapeutique de A. Gilbert e P. Carnot — Paris 1909).

Subindo pela Preguiça a Leonte, vencendo-se aqui a prumo a encosta de nascente, toda vestida de magnificos e velhos carvalhos, pela Chã de Carvalho ao Vidoal, Presa, Lomba de Pau ao Conho, de onde, sobre as Fechinhas, se disfructa um bello trecho de montanha de rude aspecto, vae-se aos Prados, uma das mais extensas chãs de pastoreação; d'aqui, dobrando o monte, desce-se sobre os Prados Caveiros, de onde se poderá escalar a Abilheirinha, a 1226 metros, e o Cantarello, a 1425, dos quaes se disfructará positivamente uma das mais impressionantes sensações, olhando sobre o Homem, que abaixo d'elles corre alguns centos de metros, abrindo um phantastico abysmo; voltando aos Caveiros, desce-se pela encosta de Monção, de onde se abarca a Galliza, sobre o caminho da Portella, recuando á Ponte Feia, um dos pontos mais apreciados e pittorescos, pelas lindas quedas do Homem sobre as penedias do seu leito, e Albergaria, voltando por Leonte ás Caldas, o que constitue outra apreciadissima digressão pela serra.

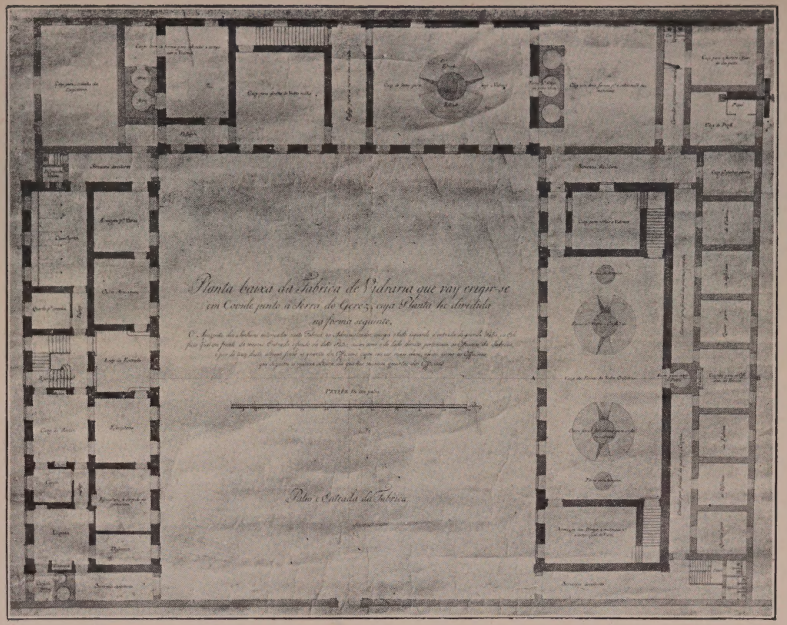
Do Gerez a Albergaria, Ponte Feia, Rio Homem, até ás suas nascentes, ás Abrotegas, Carris, a 1507 metros, Cabreirinha a 1534 metros e Altar de Cabrões, a 1536, de onde se vê mais de perto Montalegre e Pitões e outros povoados transmontanos e o Alto Minho, até ás bandas de Vianna, voltando pelo curral da Amoreira, para seguir de regresso o itinerario da ida, ter-se-ha feito uma bella volta.

Das Caldas á Portella é um passeio e a classica volta por Albergaria, Bargiella e Bouça da Mó, subindo o monte que olha para Villarinho da Furna, a divisar-se para lá da chã de seus campos, que é bonita, vindo por S. João do Campo sobre o planalto de Lamas e d'aqui ao Observatorio e viveiro florestaes e Caldas, é outra e apreciadissima excursão.

No monte do Campo, no local ainda agora conhecido pela *casa da guarda*, existiram duas casas, uma do concelho de S.ta Martha do Bouro e outra do de Terras de Bouro, que serviam para postos de vigia contra o inimigo que nos podesse vir pela Galliza. Hoje nem vestigios d'ellas existem, mas ha poucos annos que duas peças de artilheria foram de lá removidas para a séde do concelho.

Bargiella é o mais importante macisso florestal de arborisação espontanea, muito digno de admirar-se; por ella passa a Geira com secções ainda sobreviventes do pavimento transitado pelos romanos, o que alguns grupos de marcos attestam, occupando tambem uma vertente e parte do valle do Rio Homem, que desde a sua origem é de uma magestosa imponencia, quer pela pujante vegetação das suas margens, quer pela alta elevação e singular aspecto dos montes e ravinas que o cercam e o alimentam.

Ainda á vista da Bargiella, muito perto de Villarinho, na extensa chã de Linhares, margem es-



Planta baixa da fabrica de vidros

querda do Homem, existiu em tempos uma fabrica de vidros, de que hoje nem vestigios se descobrem; as suas pedras andam espalhadas pelas paredes das bouças da visinhança.

Era um edificio grandioso para a epocha e para o local; tinha vasto andar terreo, um pavimento com janellas de sacada e sobre elle outro de janellas ordinarias.

Esta fabrica, denominada *Real Fabrica de Vidros de Villarinho da Furna, de Gomes, Mattos, Araujo & Companhia*, foi dotada com regalias e privilegios excepcionaes, reduzidos a onze condições approvadas por Alvará do Principe Regente, de 15 de Abril de 1807. N'ellas se concediam todas as graças, privilegios e isenções outorgadas á fabrica de vidros da Marinha Grande pelos Alvarás de 7 de Julho de 1769 e de 11 de Dezembro de 1780 e outros mais ainda.

Não teve longa vida a fabrica de vidros, pois não durou mais de dois annos, nos quaes «chegara a produzir variados artefactos de nitida vidraria com auspiciosos preludios de longo alcance industrial; sendo só mal vista sempre de refalsados portuguezes, para quem nada era a industria patria, ao passo de ser tudo para elles a industria ingleza». [1]

---

[1] *Alvaro de Braga e não Alvaro Velho, como auctor plausivel do Roteiro de Viagem á India*, por Pereira Caldas.

A ignorancia e a má vontade dos povos proximos, que não viam com bons olhos a sombra de tão poderosa visinhança, cuja importancia e beneficios não sabiam medir e a intriga que intensamente se forjou, dispozeram mal pelo futuro da fabrica e assim foi que, com o pretexto de entrada dos francezes pela Portella, e capitaneados pelo abbade de Carvalheira, seduzido por influencias inglezas, que odiavam os progressos industriaes do paiz, os povos assaltaram e saquearam a fabrica, lançando-lhe fogo em 11 de Julho de 1808.

Destruida, não mais pensaram os seus possuidores em a relevantar, cahindo-lhe os ultimos restos de parede, que ainda podiam vêr-se em 1855-56.

Pernoitando nos Prados da Messe, onde ha uma pequena casa florestal construida no verão de 1908, ou no Couto, poderá ir-se ás Abrotegas e Amoreira, regressando pelos altos, onde feitas as excursões ao Outeiro da Meda a 1448 metros, Lage do Sino a 1475, Bella Ruiva a 1240 e Cruz

---

Este folheto, bem como o Alvará para a creação da Fabrica e a Planta da mesma, devemol-os á amabilidade do sr. José Gomes da Silva Mattos de Sousa Cardoso, de Braga, bisneto do principal fundador da fabrica, o grande industrial e nobre patriota que foi Manoel Gomes da Silva.

Aqui lhe renovamos o nosso agradecimento.

do Pinheiro a 1100, se gosará de grande altura a vista do valle do Homem, descendo á Portella para regressar ao Gerez.

Da Portella a Calvos, Gramellas, Palheiros, descendo para Villarinho, onde ha de pé ainda uma pittoresca e bem conservada ponte romana da Geira, poderá alcançar-se a Bargiella, voltando ao Gerez.

D'estas cumiadas se alcança todo o valle do Lima e alto Minho.

O Pé de Cabril, a 1235 metros, formado por um alto morro bifurcado, cortado em rocha quasi inaccessivel, é de uma ascenção difficil, mas sobejamente compensada pelo pittoresco e largo horisonte que domina: pelo norte, a Portella, perdendo-se os olhares pela Galliza, de que se avistam, a aldeia de Villa Meã e Lobios, a estrada de Orense a Cela Nova e Bande, a Lobeira, Azeredo, até á raia portugueza proximo a Lindoso; ao sul, toda a garganta para Villar da Veiga, acompanhando até longe a estrada para Braga e a serra da Cabreira; a nascente defronta com a Borrageira e Terras de Barroso ao longe; a poente S. João do Campo, Covide, Carvalheira, Brufe, Serra Amarella e Louriça.

Atacando-o por Leonte e regressando pelas alturas á chã de Lamas, ou vice-versa, ter-se-ha feito uma interessante jornada.

Fica ainda o passeio á Calcedonia, que dizem ter sido uma cidade ou presidio romano, mas

que nada tem que o indique; nem restos de construcção ou alguma lettra gravada em qualquer rocha. E' um recinto fechado por ásperas cadeias de granito, que o fazem bem defendido.

Tem porém uma muito apreciavel gruta natural, difficil de escalar interiormente, mas que vencendo-se, conduz pela abertura superior ao alto de elevado morro, de onde a vista se perde em largo ceu. A rocha, abrindo ao meio, deixou suspensa no tecto uma volumosa cunha de granito, que a impedirá jámais de se unir.

Depois a digressão pelo Villar da Veiga a Rio Caldo, bonitos trechos e agradaveis, e em Rio Caldo o sanctuario, onde S. Bento milagroso prodigalisa graças e arrecada esmolas, merecendo por egual não serem desprezadas, como excursão e como estudo, as caminhadas e visitas a todas as restantes povoações da serra, especialisando Covide, Campo e Villarinho e Fafião e Cabril, pela Pigarreira!

Ainda para apreciar são as chãs ou planicies a que os naturaes chamam *curraes*, e onde os gados se reunem no periodo de pastoreação na serra, que vae de Maio a Setembro, algumas das quaes são de notavel extensão e produzem magnificas hervas. Entre estas, o Vidoal, o Conho, os Prados da Messe e Caveiros, as Abrotegas, a Amoreira, Albergaria, Leonte, Chã de Lamas, Valle da Teixeira e muitos outros.

Em todos, ou na maioria dos curraes, exis-

Chã de Leonte

tem pequenas cabanas de pedras soltas e cobertas de telha redonda ou simplesmente de terra batida e herva, que denominam *fornos* e que servem no verão de abrigo aos pastores.

Finalmente, por qualquer sitio e em qualquer direcção que se percorra pelo interior da serra, nunca o excursionista se dará por arrependido do tempo e do esforço que tiver gasto e a sua alma de artista ou de amante de fortes impressões agradecer-lhe-ha a bôa hora que o levou a deixar o povoado das Caldas e a ir-se pelos montes fóra, lá para longe, onde já não chegam os bulicios e os echos da população que se agita e onde o homem se sente outro, livre e independente, em plena natureza geradora de força e de vida, dominando poderosamente o meio.

E tratando-se de excursionismo e de impressões da montanha, a proposito virá o intercalarem-se duas enthusiasticas poesias do livro «*Irradiações*», do Sr. Dr. Manoel de Arriaga, datadas de 1892.

No alto da Borrageira (1433 m)

Raça de heroes, rival da dos Romanos,
Que outr'ora conduzida, a bem dos Povos,
Por mysteriosa mão:
Vencendo cabos, golphos e oceanos,
Levaste, unindo a Terra, a mundos novos
O labaro Christão!

Vae n'elle occulto em germen o Direito
Que tende a constituir n'uma familia,
Em nome da Razão,
Da propria natureza a que é sugeito,
Os povos e as nações, sob a vigilia
Do auctor da Creação!

Quem tem a envergadura formidavel
D'estas serras, das quaes, feliz, domino
O mundo em derredor:
Encarna em si o espirito indomavel,
Insubmisso, que quer do seu destino
Ser arbitro e Senhor!

Se sendo um povo sobrio, livre e bravo,
Mais tarde, pelos dogmas da Piedade,
Jungido ao Rei e a Deus,
Te viste pouco mais do que um escravo,
Inconscio até dos bens que a Humanidade
Herdou dos filhos teus;

Se foste qual leão omnipotente,
Temido, que no brejo e na floresta,
Impondo aos mais pavor,
Cahiu por alta noite, incautamente
No laço que lhe armou a mão funesta
Do astuto caçador;

Se em jaula encarcerado, distituido
Dos titulos de reis, á força bruta
De mil flagellações,
Te expões com ar nostalgico e aborrido,
A nobre fronte envolta em crina hirsuta,
Ao olhar das multidões;

E' tempo d'accordar, meu bravo, álerta!
Do mundo medieval nem ha atalho
Já hoje a percorrer:
Da *vida nova* a estrada está aberta
A's luctas incruentas do trabalho,
Das Artes, do Saber!

Teem muito a dar-lhe os povos que caminham
No novo rumo, e mais o que revelle
As tuas aptidões!...
São muitos os problemas que se aninham
Na Mente que preside a tudo e impelle
Os povos e as nações!...

Se quem perscruta a vida, a historia, o espaço,
Pressente que o universo está sugeito
A Deus, Supremo Ser:
Ah! Deus, então, serviu-se do teu braço
Por dar o mundo aos povos; ao teu peito
Baixou o seu poder!...

Confia, pois, em ti, pela grandeza
Dos feitos teus d'outrora em cruas guerras
Vencendo a terra e o mar!...
Tem fé nos dons que esparze a Natureza
Aqui, sobre estes pincaros, e serras,
Nos ceus, na luz, no ar!...

Cá d'este cerro altissimo e escalvado,
D'onde eu espraio a vista embevecida
Por montes mil sem fim,
Levanto o meu espirito alquebrado,
E bebo sequioso haustos da vida,
Como em lauto festim!

Mais que os morbidos orgãos já cançados,
Que ás tuas aguas milagrosas devem
Remedio não falaz:
Permitte que, roídos de cuidados
Meu coração e espirito, se cevem
No Bem, sonhando-o em paz!

Outros que venham a estas cumiadas,
Pedir, como eu, alento; elles que tomem
Por via que conduz,
Do mundo d'entre mil encruzilhadas,
A' grande lei, que o espirito do homem
E' livre como a luz!

Serras da patria! oh vós montes do Herminio,
Da austera Arrabida e gentil Monchique,
Do Pico e do Gerez:
Quem fôr por vós medir qual o dominio
Que o ceu nos destinou, dirá que fique
O mundo a nossos pés!

Na cascata de Leonte

Aguas revoltas
Que em turbilhão
Vindes da serra
Em tom de guerra,
Quaes feras soltas
D'uma prisão!...

Vós que insoffridas
Das muitas voltas
Que n'ella daes,
Vos atiraes
Tão destemidas

Cascata de Leonte

De toda a altura
Por sobre o abysmo,
Quaes suicidas
Jogando as vidas
No paroxismo
D'uma loucura;

Como precitos,
Soltando gritos,
Suspiros, ais,
E emfim delidas
Em alva espuma,
Em pós subtis,
No chão cahis
D'estes vergeis,
E, mal chegaes,
Logo viveis,
Logo sorris
Logo cantaes!...

Oh! aguas mansas,
Que entre cecens,
Lyrios e rosas,
Como creanças
Ledas, viçosas,
De rosto lindo,
Correndo e rindo
Atrás das mães,
Em almo goso,
Ides parando
De quando em quando,
Ides seguindo,
Sempre cantando
De pedra em pedra,
Por onde medra
Musgo viçoso,

Co'a singeleza
D'um terno idylio,
Como Virgilio,
O namorado
Da natureza.
E assim ao prado
Dizeis e ás flores,
E arvoredos,
Vossos segredos,
Vossos amores!...

Pelo contraste
Em que cahis,
Tão desiguaes
Me pareceis,
Que, quanto basta,
Me explicareis
O que pensaes,
O que sentis,
O que dizeis?!

Ah se penetro
Bem nos escolhos
Que tem a lida
Da nossa vida:
Bem negro espectro
Surge a meus olhos!...

Emquanto a mim,
A vossa sorte
Segue sem norte
E sem ter fim,
Como um cavallo,
Correndo a trote,
A flagelal'o
Sempre o chicote!...

Ou como a roda
Se a impillo e a deixo
Girando á roda
Do ferreo eixo !...

Servas fieis
De leis fataes,
Assim viveis,
Assim passaes
Por sobre a Terra,
Por vale e serra,
Ao vento e ao frio,
No cavo rio,
Nas nuvens soltas
Que andam no ar,
E nas revoltas
Ondas do mar !...

Que lida insana !...
E sem quartel !...
E' mais cruel
Que a vida humana !...

Alma que sabe
O que é justiça,
Não é submissa
A tanto entrave !...

Causa-me horror
Só o suppor
Que, se eu chegasse
Ao doce termo
Da vida minha,
O Omnipotente
Pae me bradasse,

De face a face:
E' para a frente
Que se caminha,
Eternamente! ...

Como, em verdade,
Seria injusto,
Seria atroz,
A todo o custo
Prender ao carro
Da Eternidade
O ser de barro
Que fez de nós:
Poz termo á dôr,
Creando a morte,
Tão sabia e forte,
Como é o amor...

Termo que assombra
A muita gente,
Mas mão clemente
Que nos conduz
Da eterna sombra
A' eterna luz !...

Oh aguas vivas,
Se ferrea mão
Vos traz captivas
Na servidão:
Como eu lamento,
Vosso tormento !...

Que sorte a vossa !...
E que eu não possa,
Mudal'a e vêl'a
Mais justa e terna !...

A vida eterna
Haveis de tel'a,
Como um açoite
Que vos flagella,
De dia e noite!

Sim, comprehendo,
Do que estou vendo,
Porque soltaes
Dessa alta serra,
Como um clarim,
Cantos de guerra,
Gritos e ais;
Já não assim,
Se vos achaes
Na varzea amena,
Mudada a scena,
Porque cantaes
Como os pastores
Na tosca avena,
Ao sol e ás flôres
Vossos amores!...

Sobre este assumpto,
Vós me direis
O que sabeis
Do que eu pergunto,
Honrando o ideal
Auctor das leis,
Ente Supremo,
Perante o qual
Me curvo e tremo!...

E a obscura
Filha da serra,

Cuja existencia
Tambem encerra
A consciencia,
De Deus a essencia:
Com esta uncção
E fé que lavra
N'uma alma pura,
Que se respeita
Se vem direita
Do coração;
Vendo-se a sós,
Junto de mim,
Tendo a palavra
Fallou-me assim:

Poeta! ouvi-te
Com attenção...
Cedo ao convite
Que me fizeste
Bem que moleste
Teu coração.

Quanto proferiste,
Dolente e triste,
Foi tudo vão!...

Vãs concepções!...
Vãs phantasias,
D'almas sombrias!...
Tudo illusões
Postas na lyra!...
Tudo mentira!...

Pela grandeza
Do meu mister,

Alto e divino,
Posso-o dizer:
Daria alarme
Na natureza
O egualar-me
Ao teu destino !...
A' mesquinhez
Das condições
Da vida humana !...
Não pode ser !...

Quando qualquer
Mais rude azar
Cáe no teu lar:
E' triste vêr,
Com que afflicções,
Com que orações,
E impaciencia,
Vaes mendigar
Dos ceus clemencia !

Misero ser !...
Triste viver !...

No fatalismo
Da creação
Em que me vejo,
Digo-o sem pejo,
Digo que sou
A abnegação.
E tu, quem és ? !
O egoismo...
Eu, a firmeza;

Tu, a fraqueza !...
Como tu vez:

Profundo abysmo
Nos separou !...

Dos bens que faço,
Reaes, sem fim,
Nem um pedaço
E' para mim !...

Com Deus a sós,
Dou-os á flux,
Como entre voz
O fez Jesus !...

E nem prescruto
Quem fui, quem sou;
E nem discuto
Para onde vou...

Se é para a frente
Que tenho d'ir
Perpetuamente:
Perpetuamente,
Vou-me a sorrir !...

Quem me conduz
Se é Deus, melhor:
Eu vou co'a luz,
Eu vou co'o amor !...

Jamais vencida,
Serena e forte,
Acceito a vida,
Repillo a morte !...

Sou na Verdade !...
Nada me aterra,
Vivo na Terra
A Eternidade !...

Longe d'aqui
Vae sombra negra !...
O sol me alegra...
Deus me sorri...

Deus te proteja
Co'o seu olhar,
Qual bemfazeja
Luz tutellar !...

.....

Calou-se a voz
Dôce das aguas;
E, logo após,
Se fez a luz,
Que me conduz
Nas minhas maguas !

Luz pura e viva
Que a mim me faz
Que pobre eu viva,
Feliz e em paz.

O clima da serra, geralmente imaginado de rigorosos frios e de condições quasi inhabitaveis no inverno, está longe de merecer tão má consideração.

Comquanto não possua n'esse particular as temperadas delicias de outras privilegiadas regiões, tem comtudo condições proprias que lhe resgatam creditos dos melhores.

Não nos referiremos já ao verão, em que os ardores do sol são fartamente equilibrados pelas

virações da montanha e pela frescura da agua abundante e da grande vegetação, mas no inverno não é raro, confrontando as temperaturas diarias dos seus boletins meteorologicos com as dos observatorios do sul, encontrar em grandes periodos differenças favoraveis ao Gerez, pelo menos na sua zona inferior, onde está o seu posto meteorologico.

A mesma vegetação, em que a par da flora privativa da montanha se encontram vivendo desafogadamente a larangeira e a oliveira, a vinha e as proprias palmeiras e muitas das arvores e plantas adstrictas a um clima dôce e temperado, depõem bastantemente em favor do Gerez, certificando de que o meio é proprio ao seu desenvolvimento.

Os maiores frios e as neves só são mais intensos nas altitudes superiores, onde se demoram; na zona media e sobretudo na baixa a neve só desce e permanece muito raramente.

Por outro lado deve ainda ter-se em elevada conta a serra do Gerez, o seu clima e todas as condições de meio: é na sua elevada capacidade para a cura da tuberculose.

Ha um relatorio official em que o seu auctor, [1] informando que *esta serra tem falta d'agua e de arvoredo, é medonha no seu interior e por isso*

[1] O snr. Tenentes Coronel do Valle do Sul.

não póde ser aproveitavel para o estabelecimento de um sanatorio, affirma ao mesmo tempo que *o interior da serra não tem arvoredo algum, sendo raro encontrar-se ainda mesmo alguma arvore isolada.*

Sabendo-se que nenhuma outra serra é tão farta de agua e que em nenhuma outra do paiz se encontram tão extensos e tão velhos macissos de arborisação espontanea, onde se poderão colher individuos de troncos algumas vezes seculares, vê-se que a descripção não é exacta.

Porém, o Sr. Dr. Lopo de Carvalho, clinico illustre, que dedicadamente se tem entregado aos trabalhos anti-tuberculosos, estudando as condições climatericas de localidades que pareçam proficuas para a estação de tuberculosos, conclue que «a cota elevada de diversos pontos da serra gereziana, a ausencia de frequentes nevoeiros, as suas extensas florestas e as suas bellezas naturaes, fazem-na pois considerar como uma região exuberantemente dotada pela natureza, para n'ella serem collocados edificios onde se faça o tratamento classico da tuberculose pulmonar.»

«As minhas impressões pessoaes, diz o mesmo clinico, que concordam plenamente com indicações de situação e exposição recentemente colhidas, dizem-me que no *Valle da Teixeira*, *Gramellas*, *Valle do Homem*, se encontram condições adequadas ao fim desejado. O Valle da Tei-

xeira, com a cota de 800 a 1200 metros, é defendido do Norte e Este pela Borrageira e montanhas proximas que apresentam respectivamente a cota de 1.433, 1.368, 1.345 metros. *As Gramellas* a 900 metros apresentam uma disposição analoga, podendo este local ser recommendado pela sua franca exposição ao Sul. Onde porém mais se prestam diversas condições topographicas é no *Valle do Homem*, na margem direita do rio do mesmo nome. A defeza do Norte e Este é dada pela linha da raia hespanhola cuja altura varia de 1.408, a 1.507 metros, (Carris). N'esta extensa zona de terrenos, que vae desde as origens d'aqulle rio até á sua confluencia com o rio de Leonte, mais de um ponto se encontra com as condições exigidas para estabelecimentos de altitude». [1]

Esta opinião colhida em digressões feitas de 1887 a 1900 e em que o seu auctor confessa ter percorrido a serra não só como touriste, mas principalmente como medico, dá-lhe o singular merecimento de uma auctoridade profissional de innegavel valor.

Todas as condições naturaes proprias, a facil e rapida communicação com Braga, a accessibilidade relativa de todos os pontos da serra, que

---

[1] *3.º Congresso contra a tuberculose — Actas e documentos* — 1.º Fasciculo (Março de 1907).

os serviços florestaes teem cortado de caminhos, são motivos bastantes a convidarem ao estabelecimento de um sanatorio; essa circumstancia viria realçar mais ainda o grande valor da serra do Gerez, que as suas aguas thermaes, a sua floresta indigena e as arborisações de moderna data tornam já privilegiada.

X

Rios e ravinas — Povoações serranas — Bibliographia

Entre os rios de Portugal, dois ha que teem a sua origem na serra do Gerez: o Cavado e o Homem.

O Cavado, que tem sua nascença em terras de Montalegre, e vae ao mar em Fão, Espozende, recebe pela margem esquerda todas as vertentes do Gerez pertencentes á freguezia de Cabril; o rio do Gerez, ou das Caldas, assim chamado o que de Leonte, passando pelas thermas, se lhe vem juntar pelo Villar da Veiga; o rio de Freitas, que dos montes de Covide, vem por Freitas e S. Bento juntar-se ao das Caldas abaixo de Villar.

O rio das Caldas, de pequeno percurso, é engrossado pelas ravinas, quasi todas de aguas permanentes, das encostas de leste e de oeste da garganta de Leonte ao Villar e o de Freitas pelas ravinas dos montes dos lados de Covide e Rio Caldo.

Portella do Homem (Fronteira da Galliza)

O rio Homem recebe bifurcadas das Lamas de Homem e da Amoreira as suas primeiras aguas, engrossadas na margem esquerda pelos ribeiros do Modorno, do Teixo, que corta o curral do mesmo nome, por causa certamente de um magnifico exemplar d'aquella conifera que alli existe, com velha edade já; da Cova da Porca e da Agua da Palla, e vertente da Abilheirinha; ravinas de Monção, do Forno, de Cagademos e de Maceira; aguas da Bargiella e outras.

Na margem direita todas as aguas da vertente d'aquelle lado, o ribeiro que vem da Portella, as ravinas de Palheiros e a da Furna de Villarinho, com aguas da Chã da Fonte, etc.

Na freguezia de Carvalheira, ainda nas abas da serra do Gerez, o Homem desapparece de todo, sumindo-se entre as penedias do seu leito, cerca de meio kilometro, pelo que alli se denomina o *rio secco*, indo reapparecer mais longe em precipitosas quedas a que depois se succedem percursos de aguas remançosas.

O Homem é tambem por sua vez um tributario do Cavado, de todos o mais importante, ligando-se a elle proximo de Braga na pittoresca Ponte do Bico.

Em muitos pontos as aguas dos rios das ravinas se despenham desamparadamente de grandes alturas, formando cascatas e quedas d'agua de bonito effeito; entre estas, as cascatas das Caldas, das Pallas, do Torgo e de Leonte, e a do

colado dos Fetos, no caminho para a Pedra Bella e mais longe as quédas da Ponte Feia, de S. Miguel e outras do rio Homem.

As ravinas distinguem-se ainda, além da sua abundancia de agua, por uma farta e variada arborisação.

As povoações serranas do Gerez são todas de um pittoresco especial e typico, muito para apreciar.

As freguezias são: Rio Caldo, com bons e ferteis campos e o sanctuario de S. Bento da Porta Aberta, ao qual se fazem 3 romarias annuaes, uma em Março, outra em Julho e a ultima, que é a mais concorrida, em Agosto; Villar da Veiga, ao qual pertencem as Caldas do Gerez e a Ermida; Covide, (*covile ferarum?* supposta origem da palavra) com os logares de Freitas, Sá e Varzea; S. João do Campo, a que pertence Villarinho da Furna, aproveitando este povoado uma fertil faixa do Valle do Homem e a chã de Linhares; mais longe, já na extrema com Tras-os-Montes, Pitões e Parada e ainda Cabril, freguezia formada por mais de uma duzia de *logares*.

Numerosa ala e illustre de chimicos, naturalistas, escriptores e excursionistas, nacionaes e estrangeiros, teem feito campo no Gerez de im-

portantes trabalhos e investigações, desde antigas eras, deixando interessantes monographias das especialidades estudadas, ou referencias dispersas em publicações varias.

Desde muito longe que se encontram noticias do Gerez; das suas aguas, da serra e das suas riquezas naturaes, dos povos que a habitam e do seu modo de viver, etc.

Em 1726 trata das aguas do Gerez o Dr. Francisco da Fonseca Henriques, no *Aquilegio medicinal;* ás aguas e á serra se referem D. Jeronymo Contador d'Argote, nas *Antiguidades da Chancellaria de Braga* (1738); abbade Antonio Martins Belleza, no *Methodo pratico para se tomarem os banhos das Caldas do Gerez* (1763); Fr. Christovão dos Reis, nas *Reflexões experimentaes methodico botanicas* (1779); Link na *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*, de que a versão franceza tem a data de 1803.

No seculo passado apparece em 1807 a *Flore Portugaise*, de Link e Hoffmansegg; em 1848 publica o Dr. José Pinto Rebello de Carvalho a *Noticia do Gerez e das suas aguas thermaes;* em 1857, nas memorias da Academia Real das Sciencias, reproduz-se a *Memoria sobre a cabra montez* da serra do Gerez, do professor Barbosa du Bocage; em 1884, o Dr. J. A. Marques dá a lume *O Gerez presente e futuro;* em 1885, publica o professor Julio A. Henriques no Boletim da Sociedade Brot. os seus estudos sobre *A vegetação da Serra*

do Gerez; em 1886, Sanches de Frias faz largas referencias ao Gerez nas suas *Notas a lapis* e em 1889 começou nos n.os 6 e 11 do Bol. da Sociedade de Geographia a narrativa, que ficou muito incompleta, da excursão de Brito Capello e Leonardo Torres.

Em 1888 e 1891 são publicados os dois notaveis livros do professor Ricardo Jorge, *Gerez thermal* e *Guia thermal* e em 1895 o livro *Milliarios do Conventus Bracharangustanus*, *par* M. Capella, onde se descreve a geira romana, que atravessa a Serra do Gerez.

Depois d'estas, seguem-se as publicações do Dr. Augusto Santos Junior, actual director e clinico das thermas, *Guia da cura gereziana* (1895), *Aguas e thermas do Gerez* (1901), *Breve noticia sobre as Caldas do Gerez* (1902) e *Les eaux thermales de Gerez dans le traitement des cirrhoses du foie* (1906).

Em 1903 contribue o Dr. Fernando Santos com o *Estudo das aguas thermaes e potaveis do Gerez;* em 1907 e 1908 apparecem na *Portugalia* os nossos modestos estudos, de usos e tradições agricolas, sobre o *Regimen pastoril dos povos da Serra do Gerez* e em 1908 faz largas referencias a esta serra, acompanhadas de illucidativas gravuras, a *Illustração Portugueza*, nos seus n.os 127 a 142, sendo por nós subscriptos os dois primeiros artigos descriptivos.

A *Broteria* d'este mesmo anno publica uma

interessante noticia da missão scientifica que acompanhou a excursão de Setembro, e que era composta dos Rev.os Joaquim da Silva Tavares, illustre naturalista que tem realisado varias campanhas de estudo no Gerez, Affonso Luisier, Oliveira Pinto e Camillo Torrend.

Muitos mais nomes poderiam citar-se de escriptores e naturalistas a quem o Gerez tem attrahido e a quem elle deve os melhores conceitos, mas de todos se encontra noticia, percorrendo as obras a que já nos referimos.

Egualmente photographos numerosos, amadores e profissionaes, teem archivado em artisticos e apreciadissimos clichés os mais bellos trechos de paizagem da serra.

Entre estes, os snrs. Alberto de Villar d'Allen, distincto amador, e Francisco Gomes Marques, proprietario da Photographia Nacional, do Gerez, a quem devemos e muito agradecemos as photographias com que nos obsequiaram para este livro.

FIM

INDICE

Topographia — Povos antigos do Gerez 1
Braga ao Gerez 11
Caracteristicas das povoações serranas 21
Regimen pastoril 33
Lendas diversas e tradicções religiosas 69
Caldas do Gerez 80
O Gerez florestal 100
Fauna gereziana 111
A Serra — Excursionismo — Clima 120
Rios e ravinas — Povoações serranas — Bibliographia 150

INDICE DAS GRAVURAS

Marco romano da geira 6
Ponte romana sobre o Homem em Villarinho da Furna 10
Ponte sobre o rio do Gerez em Villar da Veiga . . .
Cascata do Rio Homem em S. Miguel 38
Um casal na serra 38
Ponte Feia (Rio Homem) 80
Caldas do Gerez (entrada sul da Avenida) . . . 80
Vista geral das Caldas do Gerez (no inverno) . . . 92
Um dos Estabelecimentos thermaes 98
Repartição florestal 100
Perimetro florestal do Gerez 105
Observatorio meteorologico da matta 108
A ultima cabra brava do Gerez 112
Rebanho de ovelhas e cilha (colmeal) 112
Portico monolithico natural da Borrageira . . . .
Acampamento da expedição em 1908 na chã das Abrotegas 120
Planta da fabrica de vidros 128
Chã de Leonte 132
Cascata de Leonte 136
Portella do Homem (fronteira da Galliza) 150

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

PAGINAS	LINHAS	ERROS	CORRECÇÕES
45	23	fallar	faltar
48	18	asisará	avisará
51	14	ineppellavel	inappellavel
54	25-26	contado	coutado
65	27	desenvolvimento	titulo
70	3	Beste	Deste
82	15	seus	uns
99	2	conveniencia	convivencia
101	8	veiu	vem
103	9	e	a
104	9	azareiro	azereiro
108	18	cypressus	cupressus
120	5	dilatados chãos	dilatadas chãs
121	10	repugne	repugna
125	26	Banhado	Ranhado
126	2	da	de
130	19	Couto	Conho
146	28	Sul	Souto
150	6	esquerda	direita

90-336526

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00018 7423

Obras de COELHO NETO

Sertão.
A Bico de Pena.
Agua de Juventa.
Romanceiro.
Teatro, vol. I, *(O Relicário, Os Raios X, O Diabo no corpo).*
Teatro, vol. IV *(Quebranto*, comédia, e o sainete *Núvem).*
Teatro, vol. V *(O dinheiro, Bonança, e o Intruso).*
Fabulario.
Jardim das Oliveiras.
Inverno em Flôr.
Apologos, contos para crianças.
Miragem.
Mysterios do Natal.
O Morto.
Rei Negro.
Capital Federal.
A Conquista.
A Tormenta.
Tréva.
Banzo.
Turbilhão.
O meu dia.
As Sete Dôres de Nossa Senhora.
Balladilhas.
Pastoral.
Vida Mundana.

Patinho torto.
Ás quintas.

Obras de JOÃO GRAVE

Os Famintos.
A Eterna Mentira.
O Último Fauno.
O Passado.
Gente Pobre.
Jornada romântica.
Reflorir.
Reinado trágico.
A Inimiga.
O Mutilado.
A Morte Vence.
Vitória de Parsifal.
Paixão e morte da Infanta.
Os Sacrificados.
Os que amam e os que sofrem.
Cruel Amor.
Fogueiras de Santo António.
Gleba.
Vida do Espírito (pensamentos).
S. Frei Gil.
Almas inquietas.
O Amor e o Destino.

Obras de THOMÁS RIBEIRO

A Delfina do Mal.
Dissonâncias.
D. Jaime.
Sons que passam.
Vésperas.

DECUS
LABORE